

BRASIL GUINÉ BISSAU

Olhares Cruzados

Pela Identidade



Recife Bissau Amazônia Bijagós



BRASILGUINÉ BISSAU PELA IDENTIDADE

RecifeBissau AmazôniaBijagós

COORDENAÇÃO GERAL Imagem da Vida

PARCEIROS SEDH/PR, OEI

Secretaria Especial dos Direitos Humanos da Presidência da República

Paulo Vannuchi, Ministro

Rogério Sottili, Secretário Adjunto

Organização dos Estados Ibero-americanos

Ivana de Siqueira, Diretora do Escritório da OEI em Brasília

APOIOS

Governo do Estado e Secretarias Estaduais dos Direitos Humanos, da Saúde e da Educação de Pernambuco, Governo do Estado do Amazonas, Secretaria Estadual de Ação Social Prefeitura de Beruri, PAI-Pronto Atendimento Itinerante, Embaixada do Brasil na Guiné Bissau, Ministérios da Justiça e da Educação da Guiné-Bissau, Delegacia de Ensino da Sub-Região de Bubaque, Fundação FASBEPI na Guiné Bissau

CONCEPÇÃO E COORDENAÇÃO Dirce Carrion

SUPERVISÃO E ACOMPANHAMENTO Equipe da SEDH/PR

Larissa Beltramim, Chefe de Gabinete da Secretaria Adjunta
Maria do Carmo Rebouças da Cruz, Diretora do Departamento de Cooperação Internacional

Luana Cruz Bottini, Coordenadora-Geral do Programa Nacional de Registro Civil de Nascimento

Gícia de Cássia Martinichen Falcão, Coordenadora da Coordenação-Geral de Educação em Direitos Humanos
Christiana Galvão Ferreira de Freitas, Assessora da Secretaria Adjunta

Leilá Leonardos, Consultora para a SEDH da OEI para a Educação, a Ciência e a Cultura

EQUIPE RESPONSÁVEL PELA CONDUÇÃO DAS OFICINAS

PINHEIROS E UIXI: Dirce Carrion, coordenadora; Nilton Pereira, vídeo documentarista; Sérgio Zacchi, fotógrafo

RECIFE: Dirce Carrion, Nilton Pereira, Sérgio Zacchi

ILHAS DE CANHABAQUE E BUBAQUE: Aline Magna e Carol Misorelli, arte educadoras; Dirce Carrion, Nilton Pereira, Sérgio Zacchi
BISSAU: Aline Magna, Carol Misorelli, Dirce Carrion, Gícia de Cássia Martinichen Falcão, educadora em Direitos Humanos, Nilton Pereira; Sérgio Zacchi

FOTOGRAFIAS, ENTREVISTAS E DESENHOS

CRIANÇAS E JOVENS DAS ESCOLAS: Maria Tereza Correia do Alto José do Pinho em Recife; municipais das comunidades de Pinheiros e Uixi em Beruri; Giorgio Scantamburlo em An-humba e São João Batista de Inorei na Ilha de Canhabaque; Totokan Dom José na Ilha de Bubaque; Guerra Mendes no bairro Pluba II e Aruna Embalo no bairro de Quelele em Bissau

BISSAU ENSAIOS COR E PRETO E BRANCO Sérgio Zacchi
FOTOGRAFIAS DAS OFICINAS Dirce Carrion, Nilton Pereira e Sérgio Zacchi

DOCUMENTÁRIO EM VÍDEO Nilton Pereira

PROJETO EDITORIAL Reflexo Texto e Foto

COORDENAÇÃO EDITORIAL Dirce Carrion

DIREÇÃO DE ARTE Ana Basaglia

VERSÃO PARA O CRIOLO Nene Montenegro, Padre Luigi Scantamburlo, Odete Semedo e Respício Nuno Marcelino da Silva

REVISÃO DO PORTUGUÊS Fernanda Spinelli

Para preservar a integridade do texto e traços linguísticos e culturais, foram feitos apenas pequenos ajustes nos originais produzidos pelas crianças.

IMPRESSÃO E ACABAMENTO Arvato Gráficos Ltda

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)

Brasil Guiné Bissau : olhares cruzados pela identidade : Recife-Bissau, Amazônia-Bijagós / [coordenação editorial Dirce Carrion ; versão para o crioulo Luigi Scantamburlo e Respício Nuno Marcelino da Silva]. — São Paulo : Reflexo Editora, 2010. — (Olhares cruzados)

Edição bilingue: português/crioulo da Guiné Bissau
ISBN 978-85-88120-09-9

1. Brasil - Relações culturais - Guiné Bissau 2. Crianças - Brasil 3. Crianças - Fotografias 4. Crianças - Guiné Bissau 5. Guiné Bissau - Relações culturais - Brasil I. Carrion, Dirce. II. Série.

10-04835

CDD-303.482810679
-303.482679081

Índice para catálogo sistemático

1. Brasil : Relações culturais : Guiné Bissau 303.482810679
2. Guiné Bissau : Relações culturais : Brasil 303.482679081

ISBN 978-85-88120-09-9



9 788588 120099

Todos os direitos reservados

IMAGEM DA VIDA

Rua Itapeva, 79, conj. 32, Bela Vista, São Paulo, SP, 01332-010, Brasil
Telefone (55 11) 3266-4711

www.olharescruzados.org.br
www.imagemdavid.org.br

BRASIL GUINÉ BISSAU

Olhares Cruzados

Pela Identidade

Recife Bissau Amazônia Bijagós

A alegria não chega apenas
no encontro do achado,
mas faz parte do processo da busca.
E ensinar e aprender não pode
dar-se fora da procura,
fora da boniteza e da alegria.

Paulo Freire









OLHARES CRUZADOS

Há uma característica comum às crianças do Brasil, da Guiné-Bissau, do continente africano, da América Latina, do mundo: a extraordinária vocação para a alegria. Cabe a nós governantes e à sociedade civil criarmos as condições para que esta vocação se realize. Cabe a nós a construção de um outro mundo, no qual o sorriso infantil seja mais do que possível – que ele seja a regra, nunca a breve exceção entre uma dor e outra.

Estou certo de que graças ao projeto Olhares Cruzados, as crianças da Guiné-Bissau tiveram bons motivos para sorrir, no breve tempo em que conviveram – por meio de fotografias, desenhos, cartas – com as crianças brasileiras de Recife e da Amazônia. O mesmo sorriso há de ter emoldurado os rostos das crianças brasileiras, a partir desse cruzamento de olhares. Acredito também que em breve, apesar da pobreza e da guerra civil, esses nossos pequenos irmãos e irmãs africanos terão o direito de sonhar com um futuro melhor, com mais cidadania. Cidadania esta que há de ser reforçada graças à parceria entre os governos do Brasil e da Guiné-Bissau.

Estamos, por exemplo, levando para o outro lado do oceano Atlântico uma experiência vitoriosa, iniciada em 2007: a Agenda Social do Registro Civil de Nascimento e Documentação Básica. Hoje, nove em cada dez crianças nascidas no Brasil são registradas, dando assim os primeiros passos rumo à cidadania.

Sem o registro civil, perdem-se direitos à educação, trabalho, assistência social, programas

OLIARIS KRUZADUS

Mininus di Brazil, di Guine-Bissau, di kontinenti afrikanu, di Amerika Latina ku di tudu mundu, e tene memu karateristika: e tene vokason garandi pa alegria. Anos guvernanti ku sosiedadi sivil ki ten diritu di kria kondisons pa e pudi rializa es vokason. Anos ki na kumpu un utru mundu, nunde ki garasa di mininus na sedu mas pusivel – pa i sedu regra, pa nunka i ka ten nin un dur na metadi di utru. N´ sibi serti kuma Deus obrigadu ku purjettu oliaris kruzadus, mininus di Guine-Bissau otcha bons motivus pa ri, na un tempu kurtu ki e konvivi – ku mininus brazilerus di Resifi ku di Amazônia – atraves di fotografias, dizenhus ku kartas. Memu garasa ten ki bin kumpu rostu di mininus brazilerus pabia di es kruzamentu di oliaris.

N´ fia tambi kuma, apezar di koitadesa ku guera sivil, i ka na tarda, e no ermonsinhos afrikanus na tene diritu di sunha ku futuru mindjor, ku mas sidadania. Es sidadania ki na sforsadu ku parseria entri guvernus di Brazil ku di Guine-Bissau.

No sta na leba pur isemplu pa utru ladu di osianu atlantiku un spiriensia vitoriozu, ki kunsadu na anu 2007: ki sedu Ajenda Sosial di Rejistu Sivil di Nasimentu ku dukumentus ki prisasadu del. Aos un dia na kada des mininus ki na padidu na Brazil novi ta rijistadu, e dadu purmerus pasus di rumu pa sidadania.

Sin rijistu sivil, e ta pirdi se diritus na idukason, tarbadju, asistensia sosial, programa di transferensia di renda ku previdensia. El ki manda no sta na liga maternidadi ku karto-



de transferência de renda, previdência. Por isso, estamos conectando maternidades e cartórios. Por isso, estamos promovendo mutirões para registro civil em locais tão remotos quanto aldeias indígenas e comunidades rurais, ribeirinhas e quilombolas.

Em Guiné-Bissau, apenas 39% das crianças têm registro civil. Queremos ajudar a mudar essa realidade. A partir do acordo de cooperação assinado entre os dois governos, nossos técnicos visitaram cidades e aldeias, ouviram parteiras, líderes religiosos, profissionais da saúde, ONGs, crianças e adolescentes, para formatar, junto com eles, um plano de universalização do registro civil naquele país.

Ao mesmo tempo, técnicos do projeto Olhares Cruzados trabalhavam com as crianças de lá a questão da identidade. No final, cada uma escreveu seu nome e sobrenome num muro branco, onde estavam pintadas as bandeiras do Brasil e de Guiné-Bissau. Aproveitaram e escreveram também, várias vezes, a palavra Paz.

É este o mundo com que sonhamos. Um mundo de cooperação, onde todos vivam em paz, com nome, sobrenome e cidadania.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA,
Presidente da República do Brasil

riu (kau di rijistu). No sta tambi na promovi rijistu sivil na manga di sidadis ku tabankas lundjus, ribeirinhas ku kilombolas.

Na Guine-Bissau, son 39% di mininus ki tene rijistu sivil. No misti djuda muda es rialidadi. Disna ki no sina akordu di koperason entri es dus guvernus, no teknikus bai dja vizita sidadis ku tabankas di Bissau, e obi parteras, lideris rilijozu, purfisionalis di saudi, ONGs, mininus, pa kungsi djuntu ku elis, un planu di universalizason di rijistu sivil na ki tera.

Tekniku di purjetu Oliaris Kruzadus ta tarbadjaba ku mininus di la na kiston di identidadi. Na fin kada kin ta skirbi si nomi ku si mantenha na un muru branku ki pintadu banderas di Brazil ku di Guine-Bissau. E apruveta e skirbi manga di palavra “Pas”.

Es i mundu ki no sunha kel. Un mundu di koperason, ki tudu djintis na vivi na pas, ku nomi, mantenha ku sidadania.

LUIZ INÁCIO LULA DA SILVA,
Prisidenti di Republika di Brasil



PONTES SOBRE O ATLÂNTICO

Brasileiros e guineenses cruzaram olhares pela primeira vez há quase 450 anos. Antes mesmo da vinda de africanos de origem bantu e sudanesa, os mais numerosos grupos de população negra que chegaram ao Brasil, os mandingas, balantas e pepéis, oriundos da região hoje chamada de Guiné-Bissau, já influenciavam a cultura brasileira. A tradição de cura e rezas, introduzida na cultura dos engenheiros da Zona da Mata pernambucana e do Rio de Janeiro, incorporava nos hábitos populares as marcas de suas identidades.

Nos dias atuais, Brasil e Guiné-Bissau cruzam o Atlântico e constroem pontes de cooperação em Direitos Humanos, promovendo o acesso ao registro civil de nascimento e o intercâmbio de relações de conhecimento mútuo entre crianças amazônicas e bijagós, de Recife e de Bissau, que pesquisam identidades comuns e diversas que as aproximem e distingam.

A escolha das regiões brasileiras para essa troca de impressões obedeceu à prioridade da Agenda Social do governo do Presidente Luiz Inácio Lula da Silva, voltada para a universalização de direitos em um contexto de desigualdades, olhando para a promoção do registro de nascimento e o acesso à documentação civil básica como questão fundamental de cidadania e de acesso aos programas sociais.

Com o objetivo de erradicar o sub-registro civil de nascimento no país, ação prevista no Programa Nacional de Direitos Humanos – PNDH 3, a estratégia desenvolvida por meio da mobilização nacional compreende a obten-

PUNTU RIBA DI ATLANTICO

Purmeru bias ku udjus di ginensis ku di brasilerus fasi kuaru i ten dja kuas 450 anu. Anti di grupus bantu ku sudanisis tchiga Brasil, ku sedu kil grupu ku tisi pupulason pretu mas tchiu na tchon brasileru, mandingas, balantas ku pepelis, ku sai di burdu ku aos ta tchamadu Guiné-Bissau, tisi ba dja se us, se kustumu ku se djitu di kumpu kusas e bin da pubis di matu di Pernambuco ku di Rio di Janeiro. Ampus e tisi se tradison ku se us di kura, us di tera. Es tudu djunta i sedu un son na manera di sinta, na lingu di djintis di Pernambuco ku di Rio. I e padasis gora ku firmanta kil ku e pubis sedu aos.

Aos un dia, Brasil ku Guiné-Bissau kamba mar di fora e djunta mon na kumpu puntu ku na tchiganta elis firmanta diritu di pekaduris. Pa kada mininu o garandi iangasa redjistu ku ta konta kuma i padidu, i tene mame ku pape; pa firmanta inda mandjuandadi entri metadi di mininus di Amazônia ku mininus di tchon di budjugu, entri metadi di mininus di Recife ku mininus di Bissau, pa e dus mininus djunta mon pa buska se ris, ku kil ris ku e djunta tambi.

Na ora di kudji tabankas brasileru pa es djunta mon di aos, ke ku topotidu purmeru i libru di tarbadju di Pirzidenti Luís Inácio Lula da Silva. Na kil libru ku i djubidu ke ku pirzidenti misti fasi pa si púbis, ma ku udju finkadu na diritu di pekaduris na mundu tudu. Iangasa redjistu ku utrus dukumentus i kusa ku mpe-sa pirzidinti, pabia i tomal suma firkidja mas garandi pa kada mininu kungsi udju, pa pudi firmanta djitu di kada kin iangasa si diritu.

ção do registro civil no momento do nascimento nas maternidades e nas unidades de saúde. Assim como o desafio de intensificar as campanhas e os mutirões para registrar crianças, adolescentes, adultos e idosos nos diversos grupos com dificuldade de acesso aos serviços documentais na Amazônia Legal e no Nordeste.

E já temos resultados para celebrar. Segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística – IBGE, o índice de sub-registro civil de nascimento foi reduzido de 27,1% em 1998 para 8,9% em 2008, produzindo o marco histórico de alcançar pela primeira vez, desde a década de 70, um patamar abaixo de 10%. Nesse caminho, a meta da erradicação está próxima, fazendo com que todos os brasileiros tenham nome e sobrenome, primeiro passo para obter acesso à cidadania e à garantia dos direitos humanos.

Signatários da Convenção da ONU sobre os Direitos da Criança, Brasil e Guiné-Bissau estão comprometidos com a preservação da identidade da criança: nome e sobrenome, nacionalidade, relações familiares, de acordo com a lei e sem interferências ilícitas; e com o dever de proteção e de restabelecimento de todos os elementos que configuram esses aspectos básicos de identidade pessoal e cultural.

O direito à identidade pressupõe o conhecimento da história única e singular de cada ser humano, desenhada e formada a partir das raízes de origem, ancestralidade e procedência, e das referências de vivência no espaço e no tempo de inserção. Essas raízes compõem os alicerces profundos de pertencimento em que

Otcha djintis kuda na mistida di kaba ku mininus ku ka ridjistadu, mininus ku disna ku e padidu se nomi ka sta na karta, un dritu ku sta na karta di diritus di pekadur na Brasil – kil ku ta tchamadu tambi PNDH 3 –, djitu ku randjadu pa safa e mistida i kil di ridjista mininus dja nan na maternidadi o na unidadi di saudu. Utru djitu i di kintisi mon na kampanhas di djunta mon pa ridjistu di mininus, badjudas ku rapasis, garandis ku djintis ku sta mas kansadu, kilis ku ka na lestu ku tchiga kau di ridjistu na Amazônia Legal ku na Nordesti.

Aos no pudi fala kuma no tene kebur pa fasi festa. Institutu Brasileru di Jugrafia ku Statistika – IBGE – mostranu kuma numer di mininus ku ka ridjistadu rapati tchiu, di 27,1% na 1998 pa 8,9% na 2008, ke ku ta mostra kuma dedi anu di 1970 es i purmeru bias ku e numer ria bas sin, te menus di 10%. D’e djitu, kaminhu ku no tene di ianda i na nkurta kada dia. Es i tustumunhu di kuma i ka na tarda tudu djinti na tene si nomi ku si mantenha na karta, kada kin na sinti kuma i iangasa si diritu. Un kusa suma es i pasu garandi pa firmanta diritu di pekaduris.

Djintis o teras ku seta djunta mon na mandjuandadi di rispita diritu di mininus, suma Brasil ku Guiné-Bissau, e kumpurmiti firmanta es diritu, e kumprimiti tadjá mininus, se nomi ku se mantenha, nomi di se tera pa ka nin mininu pirdi ku si djorson, ku ris di si djintis, suma ku lei ta manda, sin tana; ampus, tudu us ku kustumu di si djintis ka dibi di pudu di parti, pa ben di diritu di mininus.

Diritu di tene nomi, mantenha ku nomi di tera nunde ku bu padidu nel kila ku ta pui djintis kungsi bu storia, pabia storia di kada kin i un

se fundamenta a construção de padrões de ideal e auto-estima.

Amilcar Cabral, o pedagogo da revolução africana no dizer de Paulo Freire – educador brasileiro cuja pedagogia humanizadora nos faz compreender que ninguém ensina a ninguém, mas ajuda o outro a aprender – exemplificou elementos preciosos de comunicação a serem estimulados nas atividades de Educação em Direitos Humanos. Amílcar dialogava diretamente com o grupo sobre assuntos de interesse coletivo, legitimando e sintonizando a sua fala e ação com esses interesses.

A equipe que elaborou Olhares Cruzados pela Identidade e as crianças guineenses e brasileiras falaram uns com outros e debateram sobre identidade e registro de nascimento. Comungaram entre si, com familiares e referências comunitárias as suas impressões, construindo as melhores condições de comunicação para falar às demais crianças brasileiras e guineenses.

O livro ora apresentado, elaborado com foco e esmero, apreende em profundidade a alegria desse encontro e registra com fidelidade as luzes espelhadas das almas afins dessas duas nações irmãs, que se abriram sem pejo aos nossos olhares cruzados, enchendo-nos de contentamento e confiança nas futuras gerações.

PAULO VANNUCHI

Ministro de Estado-Chefe da Secretaria de Direitos Humanos da Presidência da República

son, i ka parsi ku nin utru. I storia ku ta kunsana ris di djorson di kin ku ten nos: no tuturdonas, no djintis di lundju, no dufuntus. I e kunsimenti di storia di kada kin ku pati kada un son di nos si kau di gasidja, i el ku ta da kada kin un firkidja na si po di kurpu, di manera ku el propi i ka pudi ndjuti si kabesa.

Amilcar Cabral, ku sedu kil omi ku firmanta ruvulson africano, suma ku Paulo Freire fala – omi garandi di Recife ku ntindintinu, na si manera di mostra kaminhu, kuma ningin ka ta sina ningin, ma algin ta djuda nan si kumpanher ntindi – i danu listradura di kuma ku idukason pa diritu di pekaduris pudi sedu un kaminhu di sintanda kombersa, di sina papia ku kumpanher, sin madja nteres nin di mandjuandadi nunde ku bu sta nel, nin di ningin.

Grup u ku fasi “Udjus kontrandadu” djunta mininus ginensi ku brasileru pa e papia ku n’utru. E papia di se djorson ku se ris, ma kombersa di kumsada i diritu di pekaduris. E djunta sintidu, e djunta mon pa buska mindjor manera di tchiganta se fala djuntu di utrus mininus brasilerus ku gineensi.

E libru ku no pui sin na mon djintis aos, i tividu ku pasensa, ku bontadi. I un tarbadju ku danu gustu, pabia i spidju di kontrada di dus tchon ku pega n’utru na ermondadi. Es i son un amostra di no udjus ku fasi kuaru, un kontrada ku intchinu di kontentamenti pabia i mostranu kuma no dibi di fiansa na mininus di aos, omis ku mindjeris di amanha.

PAULO VANNUCHI

Ministru di Stadu-xefi di Sikertaria di Diritus di pekaduris di Pirzidensia di Republikka

IMAGENS DE IDENTIDADE

Os dias divididos com as crianças das tabancas de Anhumba e Inorei na Ilha de Canhabaque, que desde o amanhecer se aglomeravam curiosas à nossa porta, observando tudo o que fazíamos; a noite da dança dos cabarós com o retumbar dos tambores afinados na fogueira, as trocas de olhares e gestos que prescindiam do diálogo; o carinho do pequeno Du; a falta d'água que nos fez coletar água da chuva para ferver e beber ainda quente num calor equatorial que não permitia que água nem mesmo esfriasse; o nosso barquinho que parecia que iria desaparecer nas ondas durante a tempestade que nos pegou na travessia de Bubaque para Bissau; o toca-toca do condutor Denilson nos esperando no porto e que de tempos em tempos precisávamos empurrar para que continuasse andando... são todas lembranças gratas que levaremos para o resto da vida.

Canhabaque, Bubaque, Pluba II, Quelelé – peças de um mosaico que faz da Guiné-Bissau um país multicultural, com uma superfície inferior à do estado de Alagoas e que abriga cerca de 30 etnias, cada qual com tradições e línguas próprias.

Do lado de cá, na Amazônia, a imensidão de verde e água, pontuada por pequenas comunidades ribeirinhas é o cenário em que as crianças de Uixi e de Pinheiros desfrutam a infância. O sono nas redes penduradas nas casas e nos barcos que singram pelos igarapés e embalam os dias de uma população que se orgulha de ser brasileira.

Poucos sabem, mas as mangueiras e os cajueiros repletos de frutos saborosos que sombreiam as brincadeiras das crianças guineenses não são nativos da Guiné-Bissau. A manga

IMAGENS DE IDENTIDADE

Na dias ku no pasa ku mininus di tabankas di Anhumba ku Inorei na Djiu di Kanhabaki, son mansi di sol ku ta tardanta se djuntamenti na no porta, pa djubi mpasmadu tudu ke ku no na fasi; dinoti na badju di Kabaró ku toku di tamburis ku kentura di fugu ta fina, torkia sinalis ku udjus sin papia, karusihu di un rapasihu tchomadu Dusihu, falta di yagu di bibi ku ta punu no para yagu di tchuba ku no ta firbinti pa no bibi kinti pabia propi di kentura di kau ku kata disalba firia, no barkusihu ku no pensaba kuma i na fogaba pabia di maron ku turbada ku panhanu otcha no na sai di Bubaki pa Bisau, toka-toka di xofer Denilson ku na peranu badja na purtu ku kada ora no ten ku disi pa pintchal pa no pudi kontinua bias... tudu es i lenbransa ku no kana diskisi te na fin di no bida.

kanhabaki, Bubaki, Pluba II, Klélé – padasis di un tabuleru ku fasi Guiné Bisau sedu un tera di manga di kulturadas, un tera ku si largura nin ka tchiganan di Stadu di Alagoas. Un tera ku tene kuas trinta rasas, kada un son ku si tradison, ku si propi língua.

Na no ladu li, no ta odja garandesa di Amazônia ku si tchon verdi lagadu di yagu, nunde ku li ku la i ta mora pikininus kumunidades na mberma di riu, i nes koldadi kau ku mininus di Uixi ku di Pinhérus ta brinka se mininesas. Durmi na ridias pindrada na kasas ku barkus ku na yanda na rius, ta mbala dias di un igarapes ku ta orgudja di sedu brasilerus.

I sedu puku kilis ku sibi kuma, pes di mangus ku di kadjus ramiadus di frutas sabi ku ta pati



foi trazida da Ásia para a África e para a América pelos portugueses, e o caju é tão brasileiro quanto o samba, mas hoje as mesmas frutas que adoçam a boca das crianças de Bissau também carregam o sabor da infância para as crianças da Amazônia e de Pernambuco.

Lá do Alto José do Pinho se observa a cidade de Recife, que nasceu entre os braços de rios margeados por maguezais, paisagem que se assemelha na geografia a Guiné-Bissau. Ao som do maracatu, do frevo, do hip-hop, a meninada lá do alto identifica e reencontra nos ritmos as tradições da nossa alma afro-brasileira.

As fotos, desenhos e palavras colhidas pelas crianças nas suas comunidades apresentam um mosaico das vidas de cidadãos comuns brasileiros e guineenses que, se em vários aspectos se assemelham, em outros se diferenciam e nos fazem compreender a importância de conhecermos a diversidade do todo para respeitarmos a identidade de cada um.

Para fazer a escolha das comunidades convidadas a participar do projeto, priorizamos, no Brasil, trabalhar com crianças da Amazônia e do Nordeste, duas regiões onde estão sendo concentrados esforços para a eliminação do subregistro de nascimento. Para tanto, na Amazônia elegemos uma comunidade ribeirinha de difícil acesso que é atendida pelo barco do PAI – Pronto Atendimento Itinerante, uma ação inovadora para resolver o problema das populações que vivem em regiões isoladas afastadas dos cartórios. No Nordeste, foi escolhido o bairro Alto José do Pinho em Recife, capital do estado de Pernambuco, que fica próximo a uma maternidade onde foi implantado um programa que integra a maternidade e o cartório,

sombra pa brinkaderas di mininus di Guiné, e ka sedu nasitimus di Guiné Bisau. Mangu, kila tisidu di Ásia pa Afrika. Ku América pa purtuguisis, kadju kila i Brasileru suma badju di Samba tambi. Ma aos tudu e frutas ku ta dosanta bokas di mininus di Bisau i ta da tambi sabura pa mininesa di mininus di Amazônia ku di Pernambuku.

La riba di Altu Zé di Pinhu bu ta odja prasa di Recife ku nansi na ribada pertu di rius rodiadu di tarafis ku ora ku bu djubi i ta parsiu son kilis di Guiné Bisau. Ku toku di maracatu, frevu, hip-hop, mininus la di riba ta parsi i e ta odja nes ritmus tradisons di nô alma afrikanu – brasileru.

Litratus, disenus ku konbersas ku mininus tisi di kada tabankas, ta mostra listadura di bida di sidadons brasilerus ku guineensis ku na manga di kusas e ta parsi, ma utrus e ta diferensia i es ta fasinu ntindi importansia di no kungsi diferensas, pa nô pudi rispita identidadi di kada un son di nos.

Na Brasil pa kudji kumunidadis ku no pensa kuma no pudi kumbida pa sta na projetu purmeru, no pensa na mininus di Amazônia ku di Nordesti, dus region nunde ki sta na djuntadu forsa pa kaba ku sub-registo di nasimentu. Pa kila no kudji kumunidadadi pertu di riu ku sta na kaus ku kansadu tchiga si ka son ku barku di PAI – Pruntu atendimentu Itineranti, barku ku ta yanda na sakura djintis ,un kusa nobu pa risolvi purblemas di kaus ku kansadu tchiga nel pa guintis ku sta na regions lundju di kaus di ridjistu. Na Nordesti i kudjidu Bairu di Altu di José di Pinho na Recife – kapital di Stadu di Pernambuku – ku sta pertu di un

permitindo que o recém-nascido tenha alta já com o registro civil de nascimento.

Para estabelecer o contraponto, buscamos na Guiné-Bissau regiões com características e níveis de dificuldade semelhantes em relação ao registro de nascimento de seus cidadãos. Fizemos a comparação das comunidades ribeirinhas da Amazônia com tabancas da Ilha de Canhabaque no arquipélago de Bijagós, onde a população vive praticamente isolada mantendo os costumes e tradições de seus antepassados. Enquanto o bairro do Alto José do Pinho fez o intercâmbio com um bairro de Bissau – capital do país – que, guardadas as diferenças, compartilha os mesmos problemas de falta de infraestrutura urbana.

A estratégia encontrada foi fazer com que as crianças daqui e de lá que participaram de oficinas de fotografia, desenho e redação, após refletirem sobre os seus contextos e a própria identidade, descrevessem sua personalidade, desenhassem os seus autorretratos, os confrontassem com suas fotografias para, a partir da percepção de si mesmas e após receberem noções sobre direitos humanos, se reunissem em grupos para apontar e eleger as pessoas que mais se destacassem nas suas comunidades.

Analisando o resultado do trabalho feito nas oficinas, o mais interessante foi constatar que em todas as localidades as crianças selecionaram pessoas que desempenham funções solidárias e essenciais para o funcionamento das suas comunidades, e que são apresentadas no livro Brasil-Guiné Bissau pela identidade através das entrevistas, fotografias e desenhos feitos pelas crianças brasileiras e guineenses.

DIRCE CARRION,
Coordenadora do projeto Olhares Cruzados

maternidadadi nunde kun programa tisi kau di ridjistu, na maternidadadi pa fasi kilis ku kunsapadidu ridjistadu asin ke padidu antis di sai di maternidadadi (dadu alta).

Pabia di kila no disidi kudji na Guiné Bisau zonas ku kansadu tchiga nel, ku tene kil un mesmu kansera, na kusas di ridjista populason. No fasi komparason di kumunidades pertu di Riu di Amazónia ku Tabankas di Djiu di Canhabaki na Tchon di Budjugu nunde ku guintis ta dingui elis son ku se kustumu ku tradison di se garandis. Bairu di Alto de José di Pinho fasi nterkambiu kun Bairu di Bisau – kapital di Guiné Bisau – ku fora di diferensas, ku sibidu kuma e tene e tene tambi mesmu purblema. Mindjor djitu ku otchadu pa tarbadja es kusa-si sedui pa fasi mininus di li ku di la partisipa na tarbadju di tira litratus, di fasi disenus ku di skirbi ridason, dipus de pensa diritu na se situason, na kuma ke sedu, disenha se kabesa propi, kompara disenu ku se litratu, djubi se parsi pa ora ke ntindi tudu es kusas, dipus de risibi formason sobri diritus di pekadur, e ta djunta na grupu pa kudji guintis ku e ntindi kuma e mas ta odjadu na se kumunidades.

Dipus di djubidu diritu tarbadju ku fasidu na ofinas, ke ku mas notadu i di kuma na tudu kau, mininus kudji guintis ku ta fasi mesmu tarbadju, suma kilis ku mas bali pa funcionamentu di se kumunidade. Libru Brasil/Guiné Bisau pa identidadadi ta mostra e guintis através di purguntas, litratus ku disenus ku mininus brasilerus ku guineensis fasi.

DIRCE CARRION,
Coordenadora di Projetu Olhares Kruzadus

RECIFE

No ponto onde o mar se extingue
E as areias se levantam
Cavaram seus alicerces
Na surda sombra da terra
E levantaram seus muros
Do frio sono das pedras.
Depois armaram seus flancos:
Trinta bandeiras azuis plantadas no litoral.
Hoje, serena flutua, metade roubada ao mar,
Metade à imaginação,
Pois é do sonho dos homens
Que uma cidade se inventa.

Guia prático da cidade do Recife, CARLOS PENA FILHO

BISSAU

Sou tudo e muito mais...

o pedaço dessa terra,

a língua dessas etnias,

o rio desse chão

o sentimento desse povo...

Sim sou...

sou gente da minha terra

manjaco, fula, balanta, mandinga, papel

mancanha, felupe, bijagós, beafada, brame,

nalu,

sou burmedju e sou desta terra...

Sou o *djambadon* que rompe o clarear
da madrugada,

o presságio do *kusundê* que anuncia

o começo de um novo dia

a força do *gumbé* que aglutina sentimentos,

o entoar do *brokça* que embala os passos

o rapicar de tina que nina corações...

Sou do campo,

e da cidade,

sou lavrador,

sou professor...

Sou deficiente,

sou adulto,

sou jovem,

sou criança

sou mulher,

sou homem,

sou cidadão,

sou honesto...

Nasci em Cacheu de descobrimento,

me criei em Bolama capital

estudei em Quinará libertada

morei em Gabú das colinas

casei em Oio de pacificação

trabalhei em Biombo resistente

meu filho nasceu em Bafatá de setembro

conheci minha esposa em Tombali do congresso

brinquei em Bissau do pinjiquiti

E...

Sim sou com todas as letras....

de A a Z

sou guineense

a exaltar minha guinendadi

e tu criminoso? Tu mesmo! Sim!

tu que ainda desconheces *m`pária* da identidade.

és o quê afinal?

um separatista perdido.

Guinendadi, RUI JORGE SEMEDO
(Associação Guiné Contributo)

OFICINAS PERNAMBUCO – RECIFE – ALTO JOSÉ DO PINHO



CRANÇAS DA ESCOLA MARIA TEREZA CORREIA QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS

ADJEFERSON SOARES DE LIMA ADRIANO ANDRÉ DA SILVA ALINE HELLEN CONCEIÇÃO DE OLIVEIRA ANA LÚCIA VERÍSSIMO DA SILVA ARYANNE VICTÓRIA DE NASCIMENTO ARRUDA BIANCA HENRIQUE DOS SANTOS BIANCA MYRELLA GOMES TIBÚRCIO BRÍGIDA LAURA LOPES BENJAMIM BRUNA RAFAELA DA SILVA MENDES BRUNO DEONÍZIO NASCIMENTO GOMES DÉBORA FÉLIX ALVES EMANUELE SUZAN CRUZ DOS SANTOS FABIOLA CHAVES DE LIMA FLÁVIA BATISTA FLÁVIA RAYSSA DA SILVA IGOR MELO BARRETO DE LIMA INGRIDE SILVA DE FRANÇA IZABELA CONCEIÇÃO DA SILVA JEFFERSON OLIVEIRA DOS SANTOS JOYCE NUNES DA SILVA JULIANA HELLEN MACHADO COSTA LARISSA DA SILVA BEZERRA LARISSA MAGNA DUARTE DE OLIVEIRA MARCELA ALEXANDRE DE LIMA MONIQUE TRAJANO DOS SANTOS NATALLY EVELYN GOMES DA SILVA RAYANE DA SILVA THAINAR ALVES FERREIRA DA SILVA THALLES JHONSON SILVA DE BARROS WILLIAN AXEL VICENTE DA SILVA

OFICINAS PERNAMBUCO – RECIFE – ALTO JOSÉ DO PINHO



OFICINAS BISSAU – QUELELÊ



OFICINAS BISSAU – QUELELÊ



CRIANÇAS DA ESCOLA ARUNA EMBALO QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS

ABUDU MANAFÁ ABUDU MANE ADAMA EMBALÓ ADULAI BALDE ADULAI DJALÓ ADULAI DJAU ALFUSENE EMBALÓ ALIU QUEBÉ AUA QUEBÉ BACAR EMBALO BORI DJALÓ CABA MANE DJENABU BALDE ELISÁRIO A. MORREIRA FATUMATÁ DJALÓ FINDA J. UNA HAMADU L. BALDE INÁCIO A. TINGO INFALI MANE JUCIMAR M. SOARES LEONARDA MANÉ MALAU TATI MARIAMA BALDE MOHAMED R. SANHA NENÊ CASSANA RASSUL M. MANÉ ROSANTINA V.GOMES SAFIATU BARRI TIDJANE BALDE UMARO BALDE UMO BALDE

OFICINAS BISSAU – PLUBA II



CRIANÇAS DA ESCOLA GUERRA MENDES QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS

ADA NDOQUE AIDA SAMBU AISSATO SANDEM ALFREDO IALA TCHUDA ANA GANO ANA GOMES AUGUSTA BALDE DADO BALDE DEUSA SANZ ABAMEO DJAMILATO BALDE ESPERANÇA G. BALANTA IANO MORA INDIRA BIANE NA FUIA DJULMIRA DA COSTA JUNIOR ADÃO TUNQUE LATÓIA SAMBU MAIMUNA CÂMARA MAIMUNA BALDE MURIDA LUIS DE JESUS NATAELA S. DJEMÉ NEUSA RIF FAFE NILTON NA NTCHAMBE PAPIS DJU QUINTA NDONQUE RAMATULAI TURÉ REBECA TIBA RUTE MARCEANO FUTANA SÁBADO SANHA INDAMI TÂNIA MÁRIO JOAQUIM THAM HANA LANDIM TIDJANE BALDE

OFICINAS BISSAU – PLUBA II



RECIFE

Alto José do Pinho





ALTO JOSÉ DO PINHO, NO RITMO DA LUTA E DO INCONFORMISMO

Dos olhares cruzados entre o Congo e o Brasil, nasceu o maracatu Nação Estrela Brilhante, com seus reis e suas rainhas coroados há um século no Alto José do Pinho, comunidade da zona norte do Recife, Pernambuco. Foi lá também, no mesmo morro, que o rap se encontrou com o repente e gerou uma explosão de rimas no manifesto negro do grupo Faces do Subúrbio, o primeiro grupo a unir o hip hop – veículo atualíssimo dos jovens de periferia em quase todo o planeta – com o improvisado dos emboladores e violeiros do Nordeste brasileiro.

Nas loas tradicionais dos mestres do maracatu, no rap-repente, no afoxé e no punk-rock, outro ritmo do caldeirão musical da mesma área, o Alto canta uma história de inconformismo permanente e desafia o seu quadro de carências sociais. A gente de lá não “deixa quieto”, mexe, agita, move, sacode a poeira de becos, vielas e se faz ouvir aos quatro cantos da cidade.

Como reverbera o rap-repente do Faces do Subúrbio nesta letra da música “Mais sério do que você imagina”, uma síntese do inconformismo e da força poética do Alto:

Representante do meu forte povo nordestino,
minha embolada soa mais que o badalo do sino

O meu discurso é grave mesmo assim te faz se divertir,
é pra ouvir assimilar refletir

Meu solo é firme por isso piso despreocupado
aqui não existe santo na hora do pecado

ALTU JOSÉ DI PINHU, NA RITIMU DI LUTA KU DI INKONFORMISMU

Di Oliaris Kruzadus di Kongu ku Brasil, i nasi marakatu “Nason Strela Brilianti”, ku se reis ku se rainhas ki koroalus dedi un sekulu na Altu José di Pinhu, kumunidadi di rijon norti di Resifi, Pernambuku. I la tambi na memu bairu, ki rap kontra ku repenti i sai un spluzon di rimas na manifestason di negru di grupu “Karas di Suburbui”, purmeru grupu ki djunta hip hop – badju ki jovens mas gosta del na tudu planeta i ritimu di kantaduris ku tokaduris di violas di Nordeste brasileiro.

Na kantigas sagradus tradisional di mestris di marakatu, na rap-repenti, na afochi ku na punk-rock, ku utrus ritimus di kaleron musikal di memu aria, Altu ta kanta un storia di inkonformismu ki fika pa sempri ku disafia se kuadru di karensia sosial. Djintis di la ka ta “fika ketus”, e ta michi, e tormenta, e balansa e sakudi puera di ruas. E ta obidu na kuaru kantu di sidadi.

Suma rap-repenti di “Karas di Suburbui” na brilia na es letra di musika. “Mas seriu di ki kuma ki bu pensa”, un sintisi di inkonformismu ku di forsa puetika di Altu:

Nha rima kria konsekuensi na kualker un, ami
i ka stragu ki kausadu pa nin un bala.

Ma n´ ta tisi spreson, n´ ta kausa impreson n´
ma sedu sinseru di ki odiu di lampion

Visadu pa kualker guarnison pulisial aplaudidu
na teritoriu marjinal

Riprizentanti di nha forti povu di nordesti, nha
musika ta kanta mas di ki somna di sinu

Esteja recuado, acuado longe de problemas, da perseguição segura dos cães do sistema

Tiger meu irmão se apresenta chega junto, mostra a rima nordestina e prossegue o assunto

Segundo os historiadores, nos primeiros momentos da localidade, a força era da capoeira, praticada por escravos recém libertos e retirantes das grandes secas no sertão nordestino, isso no final do século XIX. A área ainda se chamava, àquela época, Alto da Munguba, em referência a uma árvore comum no pedaço. Somente por volta dos anos 1940, a comunidade passa a se chamar Alto José do Pinho, com forte presença dos operários da fábrica têxtil Macaxeira e também muitos feirantes recifenses.

Quem foi esse tal de José do Pinho?

É impossível precisar quem foi o camarada que batizaria um dos bairros de maior agitação cultural e social do Recife. O livro “Aqui do Alto a História é outra – A narrativa dos moradores do Alto José do Pinho” dá algumas boas pistas:

Teria sido um grande proprietário de terras e também carnavalesco organizador da troça “Inté o Meio-Dia”?

Um boêmio e músico da região?

Um artesão que fabricava violões da madeira pinho?

Ou seria um homem que iniciou, ainda nos anos 40, o aluguel de terrenos herdados de um grande espólio imobiliário? Essa é a versão tida e havida como mais provável, de acordo com as narrativas de moradores mais antigos.

Nha diskursu i seriu memu asin i ta fasiu divirti, i pa obi pa asimila pa reflekti

Nha tchon i firmi el ki manda n’ ta ianda sin prekusason, li i ka ten santu na ora di pekadu

Bo rakua, lundju di purblemas, di pirsiguison sertu di katchuris di sistema

Tiger nha ermon ta aprizenta i ta tchiga djuntu, i ta mostra rima nordestina, asuntu ta persigui.

Sugundu storiaduris, na purmerus mumentus, forsa i era di “kapoeira”, pratikadu pa skravus ki kunsu largadu ku djintis ki kuri di sekura garandi na rijon nordestinu, es i na fin di sekulu XIX. Kil kau ta tchomaduba inda na kil tempu Altu di Munguba, ki ta rifiri un arvuri komun na kil ku. Son pa volta di 1940, kumunidadadi pasa ta tchomal Altu José di Pinhu, ku forti prizensa di operarius di fabrika di panus, mandioka ku manga di bindiduris di Resifi.

Kin ki es tal di José di Pinhu?

I ka pusivel prisisa kin ki era kamarada ki batiza un di bairus di manga di trapadjason kultural ku sosial di Resifi. Livru “Aqui do Alto a História é outra – A narrativa dos moradores do Alto José do Pinho” (Li di Riba Storia i utru – A storias ki moraduris di Altu Jose di Pinhu ta kont), i ta da alguns pistas bon:

I tenba ki sedu un garandi dunu di teras, o tambi garandi organizadur di trosa “Inté o Meio-Dia”?

Un boemiu o musiku di rijon?

Un artezon ki ta fabrikaba violas di madeira di pinhu?

O i sedu un omi ki kunsu, inda na anu 40, luga terenus erdadu di un garandi nogos imobilia-





Alto José do Pinho ou simplesmente Zé do Pinho, como no dizer mais afetivo, o bairro do sorriso bonito das crianças, como se vê nas fotografias do workshop deste Olhares Cruzados. A pequena criatura que mira a própria imagem e se reconhece cidadã do mundo, revelando-se filha do Brasil de todas as Áfricas.

O sorriso que foi precedido por muita luta, como a do Movimento Terras de Ninguém, responsável pela desapropriação de boa parte da área a partir do movimento realizado no finalzinho dos anos 1970.

É histórica, nesse sentido, a presença de Dom Helder Câmara, então arcebispo do Recife e de Olinda, nas ocupações do bairro, como na memorável noite de 20 de julho de 1979, quando a polícia e jagunços a serviços dos grileiros pretendiam despejar as 270 famílias ali instaladas. “Deus deu a terra para todos”, reagiu dom Helder, ampliando a resistência dos moradores do Alto José do Pinho.

Esta noite chuvosa ficou na memória de muitos dos habitantes mais antigos da comunidade. A partir daí veio a conquista da moradia. E assim é a história do bairro, reconhecido como tal pela Prefeitura do Recife apenas no ano de 1988, uma história de teimosia ao ritmo da fé e da arte.

Uma história de enfrentamento e inconformismo, que hoje permite, repito, o sorriso bonito e esperançoso da criança e sua fotografia na oficina deste projeto Olhares Cruzados. Uma luta que faz o grupo Faces do Subúrbio, nosso guia poético nesta crônica, assim descrever a chegada à periferia da zona norte recifense:

riu? Es i verson ki otchadu i odjadu suma un kusa ki mas bali, di akordu ku storias di moraduris mas antigus.

Altu José di Pinhu o simplismenti Ze di Pinhu, suma ki mas ta tchomal, bairu di garasa bonitu di mininus, suma ki na odjadu na fotografias di workshop di es Oliaris Kruzadus. Kriatura pikininu ki mira imajen propi di rikunhisi sidadon di mundu, ki na konta kuma el i fidju di Brasil di tudu Afrika.

Garasa ki otchadu dipus di manga di luta, suma di Movimentu di Tera di Ninguin, responsavel pa nobu manera di parti djintis padas di tchon a partir di movimentu ki fasidu na fin di anus 1970.

I storiku, na es sintidu, prizensa di Don Elder Kamara, arsebispu di Resifi ku di Olinda, na okupason di bairu, suma notis di storias di dia 20 di Juliu di 1979, otcha pulisia ku kapangas na sirbis di guerilerus ki mistiba tira 270 familias ki moraba la.

“Deus da tudu djintis tera”, Don Helder, na buriba risistensia di moraduris di Altu Jose di Pinhu.

Kil noti di tchuba fika na memoria di manga di moraduris mas antigus di kumunidade. Di la ki bin konkista di moradia. Es ki stória di bairu, ki rikunhisidu suma perfetura di Resifi son na anu di 1988, un stória di teimosia na ritimu di fe di arti.

Un stória di luta ku di inkonformismu, ki aos i ta pirmiti garasa bonitu ku speransa na rostu di mininu ku si fotografia na ofisina di es purjetu Oliaris Kruzadus. Un luta ki ta fasi grupu Fasis di Suburbiu, no guia poetika na es kroni-

Ah, é bonito de olhar
A luz da periferia
Seja de noite e de dia
Seja em qualquer lugar
É bonito de olhar
Sou de casa amarela,
Sou do alto zé do pinho
Sou da bomba do hemetério
Água fria, sou de peixinhos
Alto zé bonifácio
Sou morro da conceição
Sou ibura de baixo
Santo amaro eu sou jordão
Sou do alto do brasil
Entra a pulso
Macaxeira...
Sou correjo do genipapo
Afogados, imbiribeira
Sou a treze de julho
Paulista, sou paratibe
Sou de nova descoberta
Arruda
Camaragibe
Sou várzea, caxangá, sou alto santa isabel
Sou alto da favela
Sou o alto do céu
Linha do tiro
Sou alto do pascoal
Sou correjo da padaria
Sou alto do pica pau.

É o Alto do Zé de todos os ritmos, sempre tocando no compasso da resistência, seja qual for o gênero de música ou manifesto. Assim se faz a história com H maiúsculo.

XICO SÁ
escritor brasileiro

ka, asin ki ta konta vinda di rijon norti di Resifi.
Ah i bonitu djubi
Lus ki danu volta
Di noti ku di dia
Na kualker lugar
I bonitu djubi
Ami i di kasa amarelu,
Ami i di altu ze di pinhu
Ami i di bomba di emeteriu
Iagu friu, ami i di peichinhus
Altu ze bonifasiu
Ami i muru di konseison
Ami i ibura di bas
Santu amaru ami i jurdon
Ami i di altu di Brasil
Entra ku kontentamentu
Makacheira...
Ami i koregu di jenipapu
Afogadus, imbiribeira
Ami i trezi di juliu
Paulista, ami i paratibi
Ami i di diskoberta nobu
Aruda
Kamarajibi
Ami i varzia, kachanga, ami i altu santa Isabel
Ami i altu di favela
Ami i altu di seu
Linha di tiru
Ami i altu di paskual
Ami i koregu di padaria
Ami i altu di pika po.

I Altu di Ze di tudu ritimus, i ta toka sempri na kompasu di luta, kualker musika ki sedu o manifestason. Asin ki fasidu storia ku “S” garandi.

XICO SÁ
skirtor brasileru





MÃE DO RECÊM NASCIDO NA MATERNIDADE BARROS LIMA

MAME DI UN MININU KI KUNSA PADIDU

JACILENE FÉLIX DO NASCIMENTO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Adjeferson Soares de Lima Adriano André da Silva Aline Hellen Conceição de Oliveira
Ana Lúcia Veríssimo da Silva Aryanne Victória de Nascimento Arruda Bianca Henrique
dos Santos Bianca Myrella Gomes Tibúrcio Brígida Laura Lopes Benjamim
Bruna Rafaela da Silva Mendes Bruno Deonízio Nascimento Gomes Débora Félix Alves
Emanuele Suzan Cruz Santos Fabíola Chaves de Lima Flávia Batista Flávia Rayssa da Silva
Igor Melo Barreto de Lima Ingride Silva de França Izabela Conceição da Silva Jefferson
Oliveira dos Santos Joyce Nunes da Silva Juliana Hellen Machado Costa Larissa da Silva
Bezerra Larissa Magna Duarte de Oliveira Marcela Alexandre de Lima Monique Trajano
dos Santos Natally Evelyn Gomes da Silva Rayane da Silva Thainar Alves Ferreira da Silva
Thalles Jhonson Silva de Barros Willian Axel Vicente da Silva



No dia 26 de agosto de 2009 a Jacilene de 38 anos deu a luz de parto normal de um menino saudável de nome Miquéias César Laurindo do Nascimento na maternidade Barros Lima. O pai, César Laurindo da Silva fez o registro do menino no mesmo dia numa filial do cartório de Casa Amarela que funciona dentro da maternidade. Eles acharam ótimo poder fazer o registro na maternidade mesmo porque não precisam se preocupar de ir atrás do cartório. E agora o filho deles já é um cidadão e pode usufruir do direito de ser educado, ir ao médico, ter a Bolsa família etc. A Jocilene também é registrada, e acha que é muito importante que as pessoas façam registro de nascimento dos seus filhos para que a pessoa exista como cidadão.

Miquéias é o terceiro filho de Jocilene, que mora em Casa Amarela no Recife, é dona de casa, e tem mais duas outras filhas: Jéssica Félix da Silva e Amanda Xamares Félix da Silva.

Ela disse que gostaria que o seu filho quando crescesse fosse médico, para ajudar as pessoas.

Dia 26 di Agustu di 2009, Jasileni di 38 anu padi un mininu san, ki tene nomi di Mikeias Sezar Laurindu di Nasimentu, na maternidadi Barus Lima. Pape di Sezar, Laurindu da Silva, rijistal na memu dia ki padidu, na Kartoriu di Kasa Amarelu ki ta funsiona dentru di maternidadi, i ka prisis di sai fora pa bai buska kartoriu pa rijista si mininu. Se fidju sedu dja un sidadon, i pudi benefisia di idukason, bai mediku, tene bolsa di familia, etc. Josileni rijistadu tambu, i fala kuma i bon pa tudu djintis rijista se fidjus pa e pudi sedu sidadon.

Mikeias i tirseru fidju di Josileni, ki mora na Kasa Amarela na Risife, i dunu di kasa i tene mas dus fidjus femias: Jesika Felix da Silva ku Amanda Xamaris Felix da Silva.

I fala i gostaba pa si fidju sedu mediku ora ki garandi, pa djuda djintis.







RAINHA DO MARACATU ESTRELA BRILHANTE | RAINHA DI MARAKATU STRELA BRILIANTI

MARIVALDA MARIA DOS SANTOS

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Ana Lúcia Veríssimo da Silva **Bruna Rafaela da Silva Mendes**
Nataly Evelyn Gomes da Silva **Rayane da Silva**

Tem 56 anos, é casada, tem três filhos. Nasceu no Alto José do Pinho e até hoje é moradora do bairro. Tem registro de nascimento e acha que todo mundo deve ter, e que é muito importante que as crianças que nascem sejam registradas já na maternidade.

É muito conhecida pelo fato de ser a Rainha do renomado Maracatu Estrela Brilhante. Trabalha como costureira para sobreviver, e é quem faz as roupas dos integrantes do maracatu. Sente-se orgulhosa por ver na avenida os príncipes, princesas, condes, e porta estandartes com as roupas feitas por ela. O seu marido e filhos também participam do Maracatu Estrela Brilhante, que foi fundado em 1904 pelo Cosmo que faleceu em 1953. Atualmente o responsável pelo Maracatu Estrela Brilhante é o mestre Cangaruçu.

Quando foi indicada para ser a Rainha, Marivalda resistiu, mas hoje considera muito gratificante, pois sente estar fazendo o bem e esquece todas as coisas ruins.

Tem respeito por todas as religiões, mas se define como espírita do candomblé. É filha de Xangô mas tem fé em Deus e em todos os doze santos.

I tene 56, i kasadu i tene tris fidjus. I padidu na Altu Juse di Pinhu, te gos la ki mora nel. I tene rijistu di nasimentu, i otcha kuma tudu djinti dibi di tenel, i bon pa tudu mininus ki na padidu pa e rijistadu djanan na maternidadi.

Manga di djintis kunsil pabia el i rainha di fama di Marakatu Strela Brilianti. Si tarbadju i kusi, ku el ki ta nganha si pon di kada dia, el ki ta kusi pa djintis di Marakatu. I ta kontenti ora ki odja prinsipis, prinsesas, kondes, ku pegaduris di banderas bistidu di ropas ki kusi, si omi ku si fidjus tambí mora la na Marakatu Strela Brilianti, ki fundadu na 1904, pa Kosmu ki muri na anu di 1953. Kin ki responsavel gosi di Marakatu Strela Brilianti, i mestri Kangarusu.

Otcha e misti pui Marivalda pa i sedu rainha, i ka mistiba, ma i ka ripindi manera ki seta, pabia i na sinti ben ku si renansa, i diskisi tudu kusas ki ka bali ki pasa.

I rispita tudu rilijons, ma el i spiritu di Kandomble. El i fidju di Xango ma i tene fe na Deus ku tudu dozi Santus.





AGENTE COMUNITÁRIA DE SAÚDE | TEKNIKU DI NFERMAJEN

MARIA DOLORES DA SILVA PEREIRA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Aline Hellen Conceição de Oliveira Adriano André da Silva
Izabela Conceição da Silva Marcela Alexandre de Lima

Casada, 55 anos, tem um casal de filhos e um adotivo. Possui registro de nascimento e de casamento. Acha que o registro é de vital importância, uma questão de civismo. Nasceu no dia 3 de outubro de 1953 na casa onde ainda mora, na rua Avenca numero 85, Alto José do Pinho, e tem muito orgulho de morar lá.

É agente comunitária de saúde, mas também é técnica em enfermagem e educadora e cresceu trabalhando na comunidade. Desde 1978 trabalha com crianças e em 1992 foi aprovada como agente de saúde. Gosta do trabalho que faz e acha gratificante ajudar as pessoas que precisam. Dá palestras e, as que considerou mais interessantes foram sobre o lixo e as doenças sexualmente transmissíveis, tais como a Aids, e onde ela informa a comunidade da importância da prevenção.

Funcionária da prefeitura há 17 anos, trabalha oito horas por dia de segunda a sexta incluindo as visitas domiciliares aos doentes. Participa de vários grupos de trabalho envolvendo adolescentes, idosos, mulheres e também colabora num projeto de prevenção da hipertensão arterial e diabetes em um outro bairro. Entre as doenças mais graves que ela já tratou estão a hanseníase, a tuberculose e o alcoolismo.

El i kasadu, i tene 55 anu, i tene dus fidjus ki padi, un femia ku un matchu, ku un son ki na kria. I tene rijistu di nasimentu ku di kasamenti. Kuma rijistu i bon pa no vida pabia el ki ta pui alguin sibidu el i kin. Maria padidu dia 3 di Otubru di 1953, na kasa nunde ki mora te aos, na rua Avenka numeru 85, Altu Juse di Pinhu. I kontenti manera ki mora la.

I ta tarbadja na sentru di saudi, el tekniku di nfermajen i pursor tambí, i tarbadja na si tabanka dedi pikininu. I kunsá tarbadja ku mininus na 1978, na 1991, i pudu pa i bai tarbadja na ospital. I gosta di tarbadju i odja kuma i bon djuda djintis ki pirsisa. I ta da palestras. I fala kuma palestra ki mas gosta di da, ki otcha kuma e mas importanti i di susidadi na tabanka, duensas ki ta kamba na ora di ten, suma sida, pa konta elis kuma ke dibi di invital.

El i funsionariu di stadu 17 anu dja, i ta tarbadja oitu ora na un dia di segunda te sesta, ku visitas ki ta fasi duenti na se kasa. I ta partisipa na manga grupu di tarbadjus ki ta fasidu ku mininus, bedjus ku mindjeris, tambí i ta kolabora ku un purjetu di tadjá tenson altu ku diabetes na utru bairu. Na duensas mas gravis ki kura dja i sta lepra, tuberkulosi ku djintis tchamiduris.





VICE DIRETOR DA ESCOLA D. MARIA TEREZA CORREIA | VISI-DIRETOR DI SKOLA

JAIRO GOMES DE AMORIM

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Adjeferson Soares de Lima Bruno Deonízio Nascimento Gomes
Jefferson Oliveira dos Santos Willian Axel Vicente da Silva

Nasceu em 1972, é solteiro e tem uma filha chamada Sabrina Amorim. Mora na Vila Bola na Rede, é vice-diretor da escola D. Maria Tereza Correia no Alto José do Pinho. Professor concursado e ensina há seis anos em sala de aula, gosta do que faz e considera muito importante o trabalho de formação da juventude. Considera o nível de comportamento dos alunos da escola médio, e que eles podiam melhorar.

Comentou que, se um dia, chegar a diretor pretende ampliar o trabalho social da escola junto à comunidade, pois o Alto José do Pinho é muito rico culturalmente. Que foi muito bom para a comunidade a realização do projeto Olhares Cruzados que além de ser um projeto cultural, colabora no processo de ensino e na relação com os outros países. Acha o racismo um problema cultural e social, que hoje no Brasil é crime.

Falou que é muito importante que todas as pessoas tenham registro de nascimento, e que todas as crianças deveriam ter o direito de já sair da maternidade com o registro de nascimento, pois é uma garantia.

I padidu na 1972, i solteru, i tene un fidju femia ki tchoma Sabrina Amorin. I mora na Vila Bola na Redi, el i visi-diretor di skola D. Maria Tereza Koreia, na Altu Juse di Pinhu. I pursor kursadu, i fasi dja seis anu ki na sina, i gosta di ke ki ta fasi, i fala kuma tarbadju di formason pa joven i importanti, asin komportamentu di alunus di skola mediu ta mindjoria.

I fala kuma, si un dia i sibi pa diretor i na lastra tarbadju sosial di skola djuntu ku kumunidade, pabia Altu Juse di Pinhu riku dimas na kultura. Kuma i sta ben pa kumunidadei manera ki purjetu Oliaris Kruzadus fasidu, alen di i sedu purjetu kultural, i ta kolobra na tarbadju di Nsinu na relason ku utru paisis. I ntindi kuma rasismu, i un purblema kultural, sosial, ki aos na Brasil i un krimi.

I fala i bon pa tudu djintis tene rijistu di nasimentu, pa tudu mininus ba ta sai djanan di maternidadei ku rijistu di nasimentu, pabia i un garantia.





PRESIDENTE DA COMUNIDADE ALTO JOSÉ DO PINHO | PRISIDENTI DI KUMUNIDADI

NEY DO CAVACO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Brígida Laura Lopes Benjamim Igor Melo Barreto de Lima

Ingride Silva de França Larissa Magna Duarte de Oliveira Thainar Alves ferreira da Silva

Neyrilson Alves Correia, tem 36 anos, nasceu em 30 de junho de 1976, é casado e tem cinco filhos: Kelvin, Karine, Kelton, Maria Eduarda e Kessia. Tem registro de nascimento e acha que é importante todo mundo ter porque prova a nossa existência.

Gosta de ser o Presidente da Comunidade, pois representa os seus cidadãos nas reivindicações pelos seus direitos perante os políticos que os representam.

Acha dignificante morar no Alto José do Pinho porque o bairro tem muita influência cultural, o que faz com que se destaque no cenário nacional. Ele pensa em melhorar a questão da educação, fazendo com que os valores culturais da comunidade tragam o desenvolvimento para os jovens.

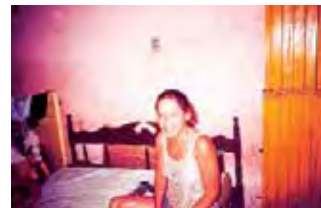
O Ney do Cavaco foi eleito há três meses com o voto de amigos e parentes, e é grato a todos que votaram nele. Pretende como presidente fazer com que as reivindicações da comunidade sejam atendidas, bem como as obras de melhoria sejam feitas.

Neyrilson Alvis Koreaia, tene 36 anu, i padidu dia 30 di Junhu di 1976, i kasadu, i tene sinku fidjus: Kelvin, Karini, Kelton, Maria Edurda ku Kesia. I rijistadu, i fala i bon pa tudu djintis rijistadu pabia i ta mostra kuma no sta bibu.

I gosta di sedu prisidenti di kumunidade, i ta ripresenta si djintis na difindi se diritu dinti di se ripresentantis pulitiku.

I fala i bon mora na Altu Juse di Pinhu pabia i tene manga di kultura bonitu, ki ta fasi elis distaka na festas nasional. I misti mindjoria manera di idukason, pa fasi baluris kultural di kumunidade tisi disinvolmentu pa jovens.

Ney, fasi dja tris misis ki kudjidu pa sedu prisidenti, si amigus ku si parentis ki kudjil, i gardisi tudu djintis ki vota nel. El suma prisidenti, i misti pa asuntu di kumunidade ba ta atindidu ben, pa bons obras fasidu.





MÚSICO E ARTE-EDUCADOR VOLUNTÁRIO | MUSIKU

CLÁUDIO SOUZA DOS SANTOS

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Débora Félix Alves Emanuele Suzan Cruz dos Santos Flávia Rayssa da Silva
Monique Trajano dos Santos Fabíola Chaves de Lima

Conhecido na comunidade como Cal, nasceu no dia 20 de abril de 1982, na maternidade Barros Lima, próxima ao bairro Alto José do Pinho onde mora. Solteiro, não tem filhos mas pretende ter futuramente.

Tem registro civil de nascimento e acha que é importante para podermos nos identificar como cidadãos.

É músico, e considera a música vida e transformação. A paixão pela música vem de família, ele ama o seu trabalho, e o seu objetivo maior é crescer na vida e ajudar as pessoas. Ele ensina música às crianças do bairro, e acha que trabalhar com música é a melhor arma para que os jovens não se envolvam com drogas e com prostituição. Não se importa quando alguém critica o trabalho dele porque acredita no que faz. Pensa que a música pode ajudar a melhorar a cultura, expressar o que se tem de melhor.

A mobilização dos moradores do Alto José do Pinho em função dos seus valores culturais conta com a ajuda de muitos artistas de dentro da comunidade, que conseguem sensibilizar os jovens através da música e de outras práticas artísticas, na luta contra as injustiças sociais e no combate às drogas, o que fez com que o bairro Alto José do Pinho antes associado à criminalidade hoje seja uma referência cultural em Recife.

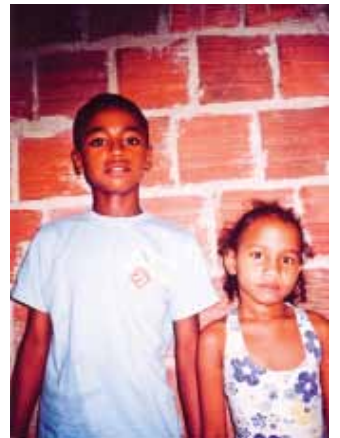
I kunsidu na kumunidade suma KAL, i padidu dia 20 di Abril di 1982, na maternidade di Burus Lima, pertu di bairu Altu Juse di Pinhu nunde ki mora.

I solteru, i ka tene inda fidjus, ma i misti tene.

I tene rijistu di nasimentu i otcha kuma tudu djintis dibi di tenel pa pudi identifikadu suma sidadons.

El i musiku, i ta konsidera musika vida ku transformason. Si paichon pa musika bin di familia, i ama si tarbadju, si ojetivu mas garandi i kirsu diritu pa djuda djintis. I ta sina mininus di bairu musika, i otcha kuma tarbadja ku musika i mindjor arma pa jovens ka miti na drogas ku prustituison. I ka ta mporta si alguin kritika si tarbadju pabia i fia na ke ki ta fasi. I pensa kuma musika pudi djudal mindjoria kultura, konta ke ki bali pa djintis obi.

Mobilizason di moraduris di Altu Juse di Pinhu, na ke ki ta fala di se balur kultural, i ta konta ku ajuda di manga di artistas di dentru di kumunidade, ki ta konsigui sensibiliza jovens atraves di musikas ku utru kusas artistiku na luta kontra indjustisa sosial, ku na kombati kotra drogas, ki fasi bairu Altu Juse di Pinhu ki staba na kriminalidade, aos i bida izemplu kultural na Resifi.





MESTRE EM CULTURA E RELIGIOSIDADE AFRICANA | MESTRI NA KULTURA KU RILIJON AFRIKANA

DITO DO AFOXÉ

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Aryanne Victória de Nascimento Arruda Bianca Henrique dos Santos Bianca Myrella Gomes
Tibúrcio Igor Melo Barreto de Lima Larissa da Silva Bezerra Thalles Jhonson Silva de Barros

Expedito Paula Neves nasceu no Alto José do Pinho onde vive até hoje e gosta muito da comunidade. Tem registro de nascimento, e considera muito importante para que as pessoas tenham identidade. É casado com Eliane de Matos Silva, conhecida como D. Eliane de Onira, com quem teve vários filhos.

Nasceu e se criou dentro do Afoxé, que tem como identidade. É músico, pesquisador, mestre em cultura e religiosidade africana. Fundou a casa de culto Ilê de Egba há 23 anos em 17 de agosto de 1986. A casa começou com 46 pessoas, entre eles Bento, Jeconta, Eliane, Manoe e Menezes.

Ilê de Egba significa guardiões do segredo, e é o nome de uma nação africana que nasceu aqui no Brasil da qual ele é descendente. O Ilê de Egba já deu origem a outras casas que se dedicam ao resgate cultural do povo negro e a conscientização da importância desse povo que sofreu e ainda sofre tanta discriminação.

Expedito Paula Nevis, padidu na Altu Juse di Pinhu, nunde ki mora, i gosta tchiu di si djintis. I rijistadu, i misti pa tudu djintis rijistadu. I kasadu ku Eliani di Matus Silva, djintis ta tchomal dona Eliani di Onira, kin ki tene manga di fidjus ku el.

I padidu i kriadu na Afoxe, ki tene suma si identidadi. El i musik peskizadur, mestri na kultura ku rilijon afrikana. I funda kasa di kultu Ilê di Egba, ki fasi dja 23 anu, dedi 1986. Es kasa kunsu ku 46 djintis, alguns delis i Bentu, Jekota, Eliani, Manoe ku Menezis.

Ilê di Egba signifika nunde ki sigridu guardadu, i nomi tambí di nason di Afrika ki sai li na Brasil nunde ki si djintis sai. Il di Egba, lansa utru kasas ki pui na tarbadju di salba kultura di povu negru, ku fasi djintis ntindi kuma es povu ki sufri diskriminason tchiu, e tene tambí se balur.





POLICIAL | POLISIA

JOSAFÁ GOMES DA SILVA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Bianca Henrique dos Santos Bianca Myrella Gomes Tibúrcio
Flávia Batista Joyce Nunes da Silva Juliana Hellen Machado Costa

Tem 43 anos e nasceu na maternidade de Encruzilhada, tem uma filha.

É policial e defende a comunidade, e tem orgulho de vestir a farda da Polícia.

Tem registro e acha que o registro de nascimento é importante pelo fato de ser um documento que comprova a veracidade do seu nascimento, visto que serve para legalizar a naturalidade da sua existência.

É responsável pela segurança da Escola D. Maria Tereza no Alto José do Pinho, trabalha para manter o bem estar dos alunos da escola e da comunidade e luta para que os adolescentes se mantenham afastados das drogas. O bairro que anteriormente era associado à criminalidade, hoje por meio da mobilização da comunidade está se tornando uma referência cultural não apenas para Recife como para o estado de Pernambuco.

Josafé está há 23 anos na Polícia, e disse que trabalhar como policial é um sonho que ele acalantava desde criança, e acha que é por isso que se pode ter êxito na profissão. Ele tem objetivo de fazer carreira na profissão e subir profissionalmente alcançando as graduações previstas no regulamento do estatuto da Polícia Militar.

I tene 43 anu, i padidu na maternadadi di Enkuzaliada, i tene un fidju femia. El i polisia i ta difindi kumunidadi, i gosta di bisti farda di polisia.

I tene rijistu, i odja kuma rijistu di nasimentu, i importanti pabia i un dukumentu ki ta konta bu idadi di bardadi, i konta nunde ki bu padidu.

El i suguransa tambí na skola di D. Maria Tereza na Altu Juse du Pinhu, i ta manti ordi na skola ku na kumunidadi, i ta luta tambí pa minus lundjusi di drogas. Es bairu ki staba na kriminalidadi, aos pabia di mobilizason di kumunidadi i na torna kada bias un referensia kultural, i ka son pa Risife, suma tambí na stadu di Pernambuku.

Josefe, fasi dja 23 anu na pulisiandadi, i fala sedu pulisia i un sunhu ki teneba dja dedi mininesa, i odja kuma fasi un kusa ki bu gosta del i bon, asin ki tarbadju bai diritu na un purfison. I misti sigui si kaminhu di purfison pa pudi ian-gasa graduason na regulamentu di stadu di Pulusia Militar.



BISSAU

Quelelê-Pluba II





**O PAÍS DO MO ALA LOBHATA
OU A VIRTUOSIDADE
DE UMA PÁTRIA AMADA
ONDE SE CHORA CANTANDO
E SE CANTA CHORANDO**

Quando voltei à Guiné
A minha mãe olhou para mim
A minha mãe pôs-se a chorar
Isso doeu-me muito
IVA & ITCHY, In “Baba”

Há pouco mais de um quarto de século perguntou-me um colega africano, num país não africano e no meio de uma conversa animada em torno da história recente desta nossa África, de que país eu era. E talvez para que não houvesse dúvida em relação ao tipo de informação que ele pretendia obter de mim, esclareceu: eu sou do país onde o Idi Amin Dada foi presidente da República... Eu falei-lhe com orgulho de uma “nação africana forjada na luta”,² marcada não por um Homem, mas por um exército de jovens, oriundos de todo os cantos do país e de todas as camadas sociais que ousaram sonhar com e se batiam por uma *Pátria Amada*² – de liberdade, harmonia e dignidade. No fim, confessei que era de um país onde a filosofia de vida se baseia no princípio segundo o qual “*mo ala lobhata*”.³

Quis o destino que eu e esse meu amigo (já deixara de ser um mero colega), dessa vez num país africano, nos reencontrássemos recentemente, volvidos cerca de 25 anos. Durante esse tempo, o Uganda conseguira, com mérito próprio e a custo de muito sacrifício, lavar as manchas deixadas por Idi Amin, sara-

**TERA DI MO ALA LOBHATA
O KILIS KU TENE DJITU DI FASI
MUSIKA DI UN PATRIA AMADA
NUNDE KE TA TCHORA E KANTA
I E TA KANTA KU TCHUR**

Otcha n tchiga Guiné
Nha mamé odjan
Nha mamé pega tchora
Kil kusa den dimás
IVA & ITCHY, In “Baba”

I ten dja mas o menus 25 Anu disna ku un kolega afrikanu puntan, na un tera ki ka afrikanu i na metadi di un kombersa sabi sobri storia nobu di Afrika, ami i di kal tera. Talbes pa ka n’ dikunfiansa pabia di ke ku manda i misti sibi ba ami i di kal tera, i falam: ami i di tera nunde ku Idi Amin Dada sedu Prizidenti... Anton nrispundil ku tudu basofaria di kuma ami nbim di un “nason afrikanu ku fasidu na luta”, obra ki ka di un omi son, ma di un gurpu di jovens, ku sai di tudu kantus di no tera i di tudu grupus sociais, ku osa sunha ku un Patria Amada – i pabia des Patria Amada e bati pitu pa liberdadi, armondadi ku dignidadi pudi sedu pon pa tudu djintis. Nkonfesal, pa kabanta kuma ami i di un tera nunde ku manera di bida sedu sugundu prinsipiu kuma “Katen ka dibi di mbira ku ten”.

Dipus des dia i pasa mas 25 anu pa distinu bin pudi djuntan mas ku nha amigu (gosi dja i nha amigu pabia i disaba dja di sedu son un simplis kolega) es um bias na un tera di Afrika. Duranti e tempu, Uganda konsigui, el propi ku tudu sakrifisiu, laba mantchas ku disadu pa Idi Amin, i kura tchagas ku kil tempu fasi, na

ra as crónicas feridas causadas, no chão e na memória, pela tirania e desgovernacão e, definitivamente, os seus cidadãos tinham conseguido a nobre proeza de resgatar a dignidade.

Durante esse período – e contrariando as previsões mais pessimistas que alguém jamais ou-saria fazer –, na minha *Pátria Amada* trilhou-se pela via do tchumul-tchamal, sufocando o sa-grado *espírito da luta*, asfixiando os extasiantes sonhos de uma existência em paz, harmonia, solidariedade e plena dignidade.

Em menos de uma geração, conseguira-se a inigualável façanha de inundar de choro as nossas ubíquas canções: choro embaraçosamente ritmado da mãe que não aceita a fatalidade da sorte do filho; choro vibrantemente cantado do filho que, revoltando-se contra o despudorado *strip-tease* dos pretensos altos dignitários da nação, impugna as humilhantes lágrimas da mãe; choro no comovente silêncio dos velhos, feridos na alma com a política de “*mon di simola*”; choro nas agressivas canções *rap* dos jovens que se insurgem contra a desgovernacão e a crónica incapacidade de se manter acesa a chama da esperança; choro até nas canções de embalar... Confessei ao meu amigo que agora todo “o meu povo canta no choro, chora no canto e fala na garganta do *bombolon*”.⁴

Sabendo-o um apaixonado pelos ritmos que marcam esta parte de África, presenteei o meu amigo do outro extremo da África com uma colectânea de canções de vários djidius, todas com um denominador comum: chorando a desgraça colectiva, canta-se um novo e colorido alvorecer de inabaláveis certezas repleto; canções como a do ilustre Bidinte, o qual, ultrapassada a expectativa média de vida, se manifesta todavia

tchon ku na kabesa di djintis, pabia di pulitika kabalidu, ku mau gubernason, ku forsa di bontadi di si sidadons e disidi, i e konsiguiba di un bias lantanda se dignidadi.

Duranti e tempu – rebes di tudu pensamentu mas kabalidu ku alguin pudi tene –, na nha Pátria Amada i yandadu pa kaminhu di tchumul-tchamal, nunde ku spiritu di luta fogantadu na mantchukut di disgrasa juntu ku Sunhus mas sagradus di vivi na paz, armondadi, solidarieridadi ku dignidadi.

Nin i ka tchiga tempu di un djorson pasa diritu, i konsiguidu nubdadi ku kana peraduba di intchi di tchur tudu no kantigas: tchur mbaransadu di mame ku nega sorti disgrasadu di si fidju; tchur kantadu ku dur pa fidju ku rabela kontra diskamentu di chefis garandis di tera pa pudi limpsa lagrimas disabidu di mame sufridur; kil tchur kaladu di bedjus, molostadus na alma ku pulitika di “mon di simola”; kil tchur di raiba ku ta parsi na kantigas rap di jovens ku rabela kontra mau gubernason ku inkapasidadi mbermadu di pudi manti kandia di speransa sindidu; tchur te na kantiga di niná... nkonfesa nha amigu kuma gosi tudu “nha pubis ta kanta tementi i na tchora, i ta tchora ora ki na kanta ma gora i ta papia na garganti di bumbulun”.

Suma nsibi kuma i gosta di ritmus ku bin des no burdu pali di África, nrisolvi pati nha amigu di kil utru banda di África un mbarkafon-sinhu di kantigas di manga di no djidius, ma tudu elis tene son un ton ku sedu kuma : e na tchora se disgrasa, ma e na kanta tambi un nobu parmanha, ku na intchi di sertezas ku ninguim ka na pudi ngana; kantigas suma kil di Bidinti, ku kamba tudu espetativa di vida i





profundamente convicto de que ainda há-de ver o dia em que o seu país se reencontrará:

*La na nha tera mininus ku pe na tchon
La na nha tera bulanhas tudu minadu
Barkafon di vida 45 tchuba
Ma n sibi son kuma un dia nha tera na sabi!*⁵

E é justamente essa certeza num futuro cheio de esperança, malgrado o momento histórico particularmente difícil em que as oficinas do projeto Olhares Cruzados tiveram lugar, que as crianças de toda a nossa *Pátria Amada*, mesmo aquelas que vivem nas mais que isoladas tabancas da ilha de Canhabaque ou dos carenciados bairros periféricos de Kelelé e Pluba, anunciam em todos os seus olhares, canções, gestos e desenhos. Em todos, mesmo naqueles que à primeira vista patenteiem mais desleixo, descalabro ou *diskarna*.

Das longínquas tabancas do arquipélago dos Bijagós e das imensas lalas de Kubucaré, na calada da madrugada ou no frenesim do mercado de Bandim, soam novas canções que Aliu Bari, Atchutchi, Nsimba e seus pares terão que transformar numa ode à *guinenndadi* e dar uma nova cadência para que, com as crianças, os adultos aprendam os rituais da dança do resgate da dignidade e da autoestima e depois, todos juntos, crianças e adultos, alteremos a forma como nos vemos e como queremos ser vistos por esse mundo fora.

Para que não mais se “fale calado, nem se cante magoado”. Para que este belo pedaço de África volte a ser, para sempre, o país onde “*mo ala lobhata*”. Pela positiva...

ABDULAI SILA
escritor guineense

ta bai mostra ku tudu forsa fianza di kuma i na tchiga dia ku si tera na odja si kaminhu:

*La na nha tera mininus ku pe na tchon
La na nha tera bulanhas tudu minadu
Barkafon di vida 45 tchuba
Ma n sibi son kuma un dia nha tera na sabi!*

I sedu presisamenti es serteza ku fianza na un amanha di manga di speranza, sin djubi na momentu istoriku kansadu nunde ki parsi es ofisina di projetu Olhares cruzados, ku tudu mininus di no Pátria Amada, disna di kilis ku mora na tabankas mas dinguidu di djiu di kanhabaki te na kilis di bairus koitadis di ladu di Kilele ku Pluba, ta mostra se manera di djubi, se kantigas, se sinalis ku se dizenhus. Na elis tudu i sta un pingu di speranza, mesmu na kilis ku na un golpi di bista i ta parsiu kuma i ka tene nteres, o i ta parsiu disgrasadu o i ta mostra diskarna na manera di sta; Na tudu elis, rostu tisna di speranza.

Di tabankas mas lundjisidu di tchon di Budjugu ku lalas garandi di Kubukare, na susegu di mandurgada o na turmenta di fera di Bande, i ta obidu kantigas nobus ku Aliu Bari, Atchutchi, Nsimba ku se kumpanheris na n fina un nobu manera di djamu guinenndadi na un jitu nunde ku mininus na sina garandis ritmus di badjus ku na pudi fasi elis torna gosta di se kabesa pa ribanta dignidadi ku disparsiba dja, asin, tudu djuntu, mininus ku garandis no pudi muda manera di odja no kabesa ku manera kuma ku no misti pa no odjadu na mundu.

Pa nunca mas “papia ka papiadu kaladu, nin kanta ka kantadu ku dur”. Pa e padas bonitu di Áfrka torna na sedu, pa sempri, terá nunde “ku katen ka na mbira ku ten”. Parbem...

ABDULAI SILA
skirtor ginensi



DIRETOR DE ESCOLA | DIRETOR DI SKOLA

ARUNA EMBALO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Abudu Manafá Abudu Mane Adama Embaló Adulai Balde Adulai Djaló Adulai Djau Alfusene Embaló Aliu Quebé Aua Quebé Bacar Embaló Bori Djaló Caba Mane Djenabu Balde Elisário A. Morreira Fatumatá Djaló Finda J. Una Hamadu L. Balde Inácio A. Tingo Infali Mane Jucimar M. Soares Leonarda Mané Malau Tati Mariama Balde Mohamed R. Sanha Nenê Cassana Rassul M. Mané Rosantina V. Gomes Safiatu Barri Tidjane Balde Umaro Balde Umo Balde

Aruna Embalo é filho de pai Foula e a mãe Mandinga. Os Foulas não tem uma definição clara da sua etnia e da sua cultura, mas ele disse que, como se sabe, são vindos do Nilo e têm uma cultura um pouco diferente da cultura Mandinga. Sobretudo nas tabancas, nas vilas, as meninas usam trajas diferentes das meninas do centro da cidade. Respeitam as danças tradicionais, que se chamam “Nhanheiro”.

Filho mais velho, teve duas irmãs gêmeas que faleceram, e em seguida vieram outros cinco irmãos: Saliu, Buba, Guela, Mariama e Bacar. É registrado e nasceu em Mansoa, no norte da Guiné Bissau e passou a infância lá perto na vila de Cotia. Casado e tem quatro filhos. A sua primeira filha chama-se Fatoumata, e depois a esposa dele deu luz a gêmeos: Lassana e Alan, e o último é um bebê de sete meses que chama-se Sila Sambu.

Fez os estudos de 1ª a 4ª classe na escola primária em Cotia, e depois voltou para a sua cidade natal para continuar a 5ª e 6ª classes. Em 1988 foi para Bissau para estudar no Liceu Agostinho Neto, mas teve algumas dificuldades, pois era de família pobre que não tinha meios para suportar os

Aruna Embalo, i fidju di Fula ku Mandinga. Fulas ka sibi konta di nunde ke bin, nin konta kal ki se kultura, ma el i fala fula bin di riu Nilu se kultura ta kiri parsi ku di Mandingas. Na tabankas badjudas ta bisti diferenti ku badjudas di prasa. E ta rispita badjus tradicional, ki ta tchomadu “Nhanheru”.

El i mas garandi na se ermondadi, djemias ki mama e dal e muri tudu dus, dipus e padidu elis sinku: Saliu, Buba, Guela, Mariama ku Bakar. Saliu rijistadu i padidu na Mansoa, na norti di Guine, i pasa si mininesa na un tabanka pertu di Kutia. I tene mindjer ku kuartru fidjus; si purmeru fidju tchoma Fatumata, dipus si mindjer padi djemias: Lasana ku Alan, ultimu i bebe di seti mis si nomi tchoma Sila Sambu.

Aruna studa purmera ku kuarta klas na skola primaria di Kutia, dipus i riba pa si tera ki padidu nel pa studa kinta ku sesta klas. Na 1988 i bai pa Bisau pa bai studa na Liseu Agostinho Netu. Ma suma el di familia pobri, i kunsu na sinti difikuldadi pabia i ka teneba kuma ki na sustenta si



custos do seu estudo. A sua mãe não trabalhava e o pai estava doente, e ele precisou trabalhar ainda muito jovem. O primeiro emprego que arrumou foi de criado de uma senhora, ele fazia a limpeza da casa para se sustentar, e também vendia sorvete para uma mulher que morava em Pefini e ela pagava a sua escola, mas um dia, no mercado Bandim ele deixou cair a geleira e ela o expulsou da casa e ele não pode estudar naquele ano. Isto marcou Aruna profundamente. Um dia ele foi ver um jogo no estádio Lino Correia, e conheceu um português de nome Victor que gostou dele, e lhe deu moradia e pagou o seu estudo. Essa pessoa foi alguém que realmente lhe ajudou bastante e graças a esse senhor o Aruna conseguiu concluir os estudos até a 11ª classe.

O Aruna é fundador da Escola Aruna Embalo. Ele diz que quando lembra do sacrifício que passou, dá valor ao quanto é importante o estudo, e é muito bom ter o reconhecimento da sua comunidade pelo trabalho que faz, e garante que a escola mudou totalmente a sua vida.

Ele passou fome e outras dificuldades na infância. Ele disse que jogava futebol muito bem, mas depois não pode continuar.

Quando jovem, Aruna não pensava em ser professor, mas hoje ele não se imagina em nenhuma outra profissão do mundo. Ele chegou a pensar em fazer o curso de Direito, mas começou a lecionar em 1994, e a pensar em fazer uma escola em 1995. As dificuldades foram muitas, primeiramente ele achava que não tinha formação à altura, que ter cursado apenas até a 11ª classe não seria suficiente. Mas ele sentia que era bom como professor, pois quando ele dava explicações aos alunos aprendiam muito bem. Começou dando aulas aos seus irmãos, e logo a comunidade sentiu que valia a pena mandar seus filhos aprenderem com ele, mas para dispersar as pessoas, ele começou a cobrar pelas aulas, e daí as pessoas pensaram: então Aruna vai começar a encarar isto com seriedade, e começaram a tirar seus filhos de outras escolas, para que o Aruna lhes ensinasse. Mas outras pessoas na rua brincavam com ele dizendo: “Como este rapaz disse que vai montar uma escola, ele não tem formação!!!!” Mas o Aruna acreditava que podia mudar alguma coisa. No início foi difícil porque ele não tinha incentivo, não tinha formação suficiente, e faltavam os meios financeiros. Por vezes alguns alunos não pagavam, e foram grandes as dificuldades pelas quais passou, mas mais tarde ele fez uma formação pedagógica que o deixou mais seguro, e começou a demonstrar que tinha condições de levar a empreitada da escola em frente. Sempre se empenhou para que os seus alunos se esforçassem ao máximo para se tornarem grandes alunos, e isso foi dando fama à Escola Aruna Embalo, e também o reconhecimento na comunidade.

studu. Si mame ka na tarbadjaba, si pape staba duenti. El i prisisaba di tarbadja otchal mas pikininu. Purmeru tarbadju ki randja i di sedu kriadu di un mindjer, i ta limpalba kasa pa pudi otcha di kume, i ta bindiba tambi sorveti pa utru mindjer ki moraba na Pefini, kila ta pagal si skola. Ma un dia termu di sorveti kai na si mon na fera di Bande, mindjer panha raiba i serkal, kil anu i ka konsigui kabanta studa. Ki kusa marka Aruna na si vida. Un dia i sai pa bai djubi djugu na kampu Linu Koreia, i bai kontra ku un purtuguis ki tchoma Vitor, kila gosta del i dal kau pa i mora, i pagal si studu. Es alguin i un alguin ki djudal tchiu, pabia del Aruna konsigui fasi setimu.

Aruna funda un skola ki tchoma Aruna Embalo. I fala kuma ora ki lembra di kansera ki sufri otcha i na studa, i ta da studu balur, i fala kuma skola muda si vida tudu.

Otchal pikininu, si pape mistiba pa i studa, ma i ka teneba kin ki na djudal na tarbadju di labor na tera, djintis fika e na papia mal del, kuma i pobri, i ka teneba alguin ki na djudal, i toma si uniku fidju i manda pa skola i na tarbadja el son. Aruna pasa fomi ku utru kansera na si mininesa. I ta djugaba bola ben, ma dipus i para djuga.

Otcha Aruna mas novu i ka pensaba sedu pursor, ma aos un dia i ka ta pensa na nin utru purfison di mundu. Te i mistiba fasi Direitu, i bin kunsada da aulas na 1994, i pensa na iabri un skola na 1995. Na kunsada i odja kansera garandi, purmeru i pensa asin: n´ ka tene formason, n´ studa son te setimu anu, kila ka tchigan pa n´ iabri skola. Ma i bin sinti kuma el i bon pursor, pabia ora ki na splikaba alonus e ta ntindi diritu. I kunsada si ermons aulas na kasa, djintis di si bairu odja kuma i bali pena manda se fidjus pa bai sina na si mon, ma pa ka djintis tchiu i kunsada na kobra splikason ki ta daba na kasa, la ki djintis pensa e fala: Aruna pui na bardadi. E kunsada tira se fidju na utrus skola pa manda elis nunde Aruna pa i sina elis. Utru djintis ta brinkaba ku mi na rua e ta fala: “Rapas nin bu ka tene formason kuma ki bu na iabri un skola!!!” ma el i fiaba kuma i pudi muda algun kusa. I eraba difisil na kunsada pabia i ka teneba kin ki na animal, i ka tene formason nin i ka tene finasiamentu. Utrus alonus ka ta pagaba, i pasa manga di kansera, mas tardi i bin fasi formason di pursor ki mas animal, i kunsada mostra kuma i tene kondison di leva si skola pa dianti. I ta fasi forsa pa si alonus sforsa na masimu pa e pudi sedu bon alonus, kila ki pui skola Aruna Embalo tene fama, i rikunhisidu na bairu.





ESTUDANTE | STUDANTI

ANTONIO AGOSTINHO ATCHI

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Deusa Sanz Abameo Tidjane Balde
Latóia Sambu Alfredo Iala Tchuda

O Antônio é filho de Agostinho Atchi e Maria N'tombe, nasceu no dia 6 de setembro de 1984 em Incore na Guiné Bissau, é registrado e pertence à etnia Balanta, que representa cerca de 25% da população da Guiné Bissau, onde existem cerca de 30 grupos étnicos diferentes cada qual com língua e costumes próprios.

Ele mora no bairro chamado Volta, e esta estudando para se formar professor. Escolheu essa carreira para ter um futuro na vida, mas ainda não está trabalhando.

O conselho que o Antônio deixou é que todos devem ir à escola porque é muito bom.

O ensino na Guiné Bissau ainda é bastante precário.

Nas escolas públicas há falta de professores, materiais didáticos e instalações adequadas. O educador brasileiro Paulo Freire, morou na Guiné Bissau de 1975 a 1977 e colaborou na elaboração do plano de ensino para o País, mas a instabilidade política e aliada à falta de investimento na educação, faz com que o País detenha um elevado índice de analfabetismo.

Antoni u fidju di Agustinhu Atchi ku Maria N'tombe. I padidu dia 6 di Setembru di 1984, na Incore na Guine-Bisau, i rijistadu, el i balanta, rasa ki ta riprimenta serka di 25% di populason di Guine-Bissau, nunde ki tene serka di trinta rasas diferenti, kada rasa ku si us ku si lingua ki ta papia.

I mora na volta di Bisau, i na studa pa sedu pursor. I kudji e tarbadju pa tene un futuru na si vida, ma i ka kunsu inda tarbadja.

Antoni u da djintis konsidju di e bai skola pabia i bon sibi lei ku skribi.

Nsinu na Guine-Bisau, na falta inda manga di kusas pa pu-di disinvolvi.

Na skolas pubilikas i ta odjadu falta di pursoris, matiriais didatikus ku falta di instalason. Un idukadur brasileiro ki tchoma Paulu Freiri, ki sta na Bisau dedi 1975 te 1977, i kolobora na ilaborason di planu di Nsinu pa pais, ma instabilidadi pulitiku ku falta di investimentu na idukason, i fasi pa pais tene manga di djintis ki ka sibi lei ku skribi.





ENFERMEIRO | NFERMERU

MARCIANO INÁSIO GOIA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Rebeca Tiba Rute Marceano Futana
Tham Hana Landim Nataela S. Djemé

É filho de Inasio Begani Goia e Tchoma Angélica Avis.

Nasceu no dia 11 de novembro de 1981 na Ilha de Bolama, é da etnia Pepel, uma das etnias minoritárias da Guiné Bissau, tem registro civil de nascimento. Ele tem quatro mulheres e Marta, Eva, Rute, Lola são os nomes das suas esposas, é pai de cinco filhas que se chamam Remata, Farsica, Sanira, Mamuna e Catia.

Mora no bairro de Volta e, há quatro anos, trabalha como assistente no Centro Médico Diagnóstico Dom Settimo Ferrazzetta prestando atendimento e medicando as pessoas, aprendeu a trabalhar nesta profissão com o Sr. Inasilo que o ensinou a medicar, atualmente o seu trabalho está correndo bem. Disse que a sua profissão preferida é trabalho de médico, e ele sustenta a família com o seu trabalho de assistente no Hospital.

O conselho que deu é para que os jovens respeitem o pai, a mãe e a comunidade ondem vivem.

El i fidju di Inasiu Begani Goia ku Tchoma Angelika Alvis.

I padidu dia 11 di Novembru di 1981, na ilia di Bolama, el i pepel, un di rasa mas pikininu di Guine-Bisau. I rijistadu, i tene kuaru mindjeris, es i nomis di si mindjeris: Marta, Eva, Rute ku Lola. El i pape di sinku fidju ki tchoma: Renata, Fransiska, Sanira, Maimuna ku Katia.

Marsianu mora na volta di Bisau, i fasi dja kuaru anu ki na tarbadja suma asistenti na Sentru Mediku Diagnostiku Don Settimiu Ferrazzetta. I sina es tarbadju ku sinhor Inasilu, el ki sinal kura djintis. Gosi si tarbadju na kuri ben. I fala kuma ke ki gostaba di sedu i mediku. I ta sustenta si familia ku dinheru ki nganha na tarbadju di asistenti na ospital.

Konsidju ki ta da djintis, i pa jovens rispita se papes, se mames ku tudu djintis ki mora djuntu ku elis.





MILITAR | MILITAR

FERNANDO GOMES DA SILVA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Djulmira da Costa Iano Mora Nilton Na Ntchambe
Neusa Rif Fafe Maimuna Balde

Fernando Gomes da Silva é militar e chefe dos serviços de arquivos de finanças do Estado Maior do Exército da Guiné Bissau, e para fazer o seu trabalho utiliza a máquina de escrever e um computador.

Ele nasceu em 25 de outubro de 1970, seus pais chamam-se Victor Silva e Maria Sábado Gomes. É casado e pai de três filhos.

Tem registro de nascimento e de origem étnica Pepel e Balanta, a etnia balanta tem tradição militar e é predominante nas forças armadas da Guiné Bissau.

Esta há 17 anos no exército e agradece a Deus que o seu trabalho esta correndo bem e diz que entrou na carreira militar por causa do seu pai.

Diz que é difícil sustentar a família com o trabalho de militar, pois algumas vezes os salários vem com atraso, mas que escolheu essa profissão para servir à sua pátria, à sua terra, pois ele gosta muito do seu país.

Fernandu Gomis da Silva, el i militar, chefi di sirbis di arki-vu di finansa di Stadu Maior di Izersitu di Guine-Bisau, i ta tarbadja ku makina ku komputador.

Fernandu padidu dia 25 di Otubru di 1970, si pape tchoma Vitor da Silva si mame i Maria Sabadu Gomis. El i kasadu i tene tris fidjus.

I rijistadu, i pepel ku balanta, balanta gosta di sedu militar, el ki manda e mas tchiu na kortel di forsa armada di Guine-Bisau.

I fasi dja 17 anus sta na izersitu, i ta gardisi Deus manera ki si tarbadju na kuri ben, i fala kuma i bai militar pabia di si pape, kuma i difisil sustenta familias ku tarbadju di militar, pabia utru ora e ka ta risibi na ora, ma i kudji es tarbadju pa pudi sirbi si patria, pabia i gosta tchiu di si pais.





CONDUTOR | KONDUTOR

DENILSON ARMANDO DA COSTA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Dado Balde Maimuna Câmara Rebeca Tiba

Sábado Sanha Indami Tânia Mário Joaquim

Denilson Armando da Costa é mecânico, e condutor.

Dirige carros de aluguel e também um toca-toca que faz a linha do Quelelé. Para fazer o seu trabalho de motorista precisa estar atento na direção, e como mecânico utiliza ferramentas e chaves para montar e desmontar os carros que conserta.

Filho de Armando da Costa e Fatima Ca, é natural de Bissau e pertence à etnia Mandjaco, que representa cerca de 11% dos habitantes da Guiné Bissau. Nasceu em 14 de novembro de 1976, e é registrado.

Ele já trabalha como mecânico e condutor há sete anos, aprendeu o seu ofício olhando outras pessoas trabalharem. O seu trabalho está correndo bem, e ele gosta muito da profissão que escolheu, e disse que o seu trabalho lhe permite que sustente a sua família. O Denilson tem uma esposa, e é pai de um menino chamado Saico Denilson da Costa.

Disse que o conselho que gostaria de dar para os jovens é que eles devem respeitar seu pai e sua mãe e qualquer pessoa.

Denilson Armandu da Kosta, i mekaniku, i kondutor.

I ta kurinti karus ki ta lugadu ku toka-toka di Kelele.

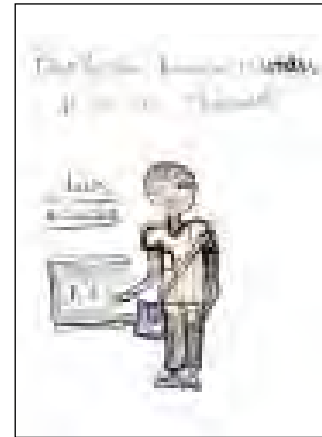
I ta presta atenson na si tarbadju, ora ki kumpu karu i ta tarbadja ku fermentus chabi pa dismonta pesas di karu ki na kumpu.

El i fidju di Armandu da Kosta ku Fatima Ka, i padidu na Bisau, el i mandjaku, un rasa ki ta ripresenta 11% di populason di Guine-Bisau. I padidu dia 14 di Novembru, di 1976, i rijistadu.

I fasi dja seti anus na si tarbadju di mekaniku ku kondutor, i sina tarbadja ku utru djintis. Si tarbadju na kuri ben, i gosta di si tarbadju ki kudji, i fala kuma ku si tarbadju ki ta sustenta si familias. Denilson tene mindjer ku un fidju ki tchoma Saiku Denilson da Kosta.

I ta konsidja joven pa e rispita se papes, se mames ku kualker alguin.





PROFESSOR | PURSOR

BENÍCIO MENDES

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Quinta Ndoque **Ana Gomes**
Indira Biane Na Fui **Ada Ndoque**

Benício Mendes é professor da escola Guerra Mendes no bairro de Pluba II em Bissau. Ele é da etnia Mandjaco, nasceu em Cacheu no dia 27 de agosto 1958. O nome da sua mãe é Tina Gomes e o do seu pai Luis Mendes, tem registro de nascimento.

Trabalha há 33 anos dando aulas e aprendeu a profissão de professor com outros professores Tem mulher e quatro filhos: Laurino, Benício Mendes, Suse e Juliana, que sustenta com os rendimentos do seu salário de professor. Para dar aulas o professor Benício usa o livro plano de aula, caneta, lápis, quadro negro, giz e outros materiais didáticos. Gosta de dar aulas, mas considera muito importante que os alunos sejam disciplinados na sala de aula para que possam aprender a lição.

Na Guiné Bissau convivem cerca de 30 grupos étnicos diferentes, cada qual com suas tradições e idioma próprios, entretanto o português é a língua oficial do País, e o crioulo é falado pela maioria da população.

Benisiu Mendis, i pursor di skola Guera Mendis, na bairu di Puba II na Bisau. El i mandjaku, i padidu na Kacheu, dia 27 di Agustu, di 1958. Nomi si mame i Tina Gomis, si pape tchoma Luis Mendis, i rijistadu.

I fasi dja trinta i tris anu ki na da skola, i studa djuntu ku utrus si kolegas pursoris. Benisiu tene mindjer ku kuaru fidjus: Laurinu, Benisiu Mendis, Suse ku Juliana. I ta sustenta elis ku dinheru ki ta risibi. Ora ki na bai da aulas, i ta leba livru di planu di aulas, kaneta, lapis, kuadru pretu, jiz ku utru materialis didatiku. I gosta di sina, i misti pa si alunus sibi rispita n´utru na sala di aulas pa e pudi ntindi lison.

Guine-Bissau tene serka di trinta rasas, kada rasa ku se us ku se lingua ke ta papia, purtuguis i lingua ofisial di Guine, kriol i se lingua ke obi n´utru kel.





COMERCIANTE | BINDIDUR

ADELINO NANQUI

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Aissato Sandem Murida Luis de Jesus Esperança G. Balanta
Aida Sambu Ramatulai Turé

Adelino Nanqui é comerciante e tem uma boutique no bairro de Pluba II que vende alimentos e materiais diversos. Ele atende os clientes do bairro, e para praticar a sua atividade utiliza corda, balança e funil para medir as quantidades.

É filho de Mame Ilena e Pape Albino. Tem registro de nascimento. Nasceu em Bafatá, no dia 1 de julho de 1978, é da etnia Balanta. Possui o seu comércio há dois anos, e os negócios estão correndo bem. Aprendeu a trabalhar no comércio com o irmão mais velho, e entrou nesse ramo porque não tinha emprego, mas agora consegue sustentar a si e a sua família com o seu trabalho de comerciante.

Tem mulher e um filho que se chama Samoel, e o conselho que dá para os outros é que trabalhem bastante para conseguirem uma vida melhor.

Adeinu Nanki, i un bindidur ki tene butik na Pluba II, i ta bindi kusas di kume ku manga di utru kusas. Linu ta atindi manga di si klienti di bairu, i ta tarbadja ku korda, balansu, ku funil, pa midi si kusas di bindi.

El i fudju di Ilena ku Albinu, i tene rijistu di nasimentu, i padidu na Bafata, dia 1 di Juliu di 1978, i balanta. I fasi dus anu na bindi. Si nogos ta kuri diritu. Si ermon garandi ki sinal bindi, i entra na es bida pabia i ka tene tarbadju, gos i pudi sustenta si kabesa ku si familias.

I tene mindjer ku un fidju ki tchoma Samuel. Konsidju ki ta da djintis, i pa e tarbadja tchiu pa mindjoria se vida.





RÉGULO | REGULU

MÁRIO PEREIRA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Augusta Balde Junior Adão Tunque
Papis Dju Djamila To Balde

Mário Pereira é régulo no bairro de Antula, e o seu trabalho é de orientar as pessoas. A seu pai se chama Mintuca e a sua mãe se chama Anticoca.

Ele tem registro de nascimento e foi parido em 30 de setembro de 1943, e é da etnia Pepel.

A profissão de régulo é passada de geração em geração, ele trabalha como orientador espiritual há 17 anos, ele aprendeu com o pai a apoiar as pessoas, e se sustenta com as contribuições que recebe. Ele tem três mulheres e tem seis filhos que se chamam Pomu, Fatinha, N'tenki, Dirson, Mildinho, Didiana.

Faz o seu trabalho colocando as pessoas na baloba e, nas cerimônias utiliza uma cabaça, uma garrafa de aguardente que é colocada dentro da cabaça, junto um pouco de arroz.

Os régulos na Guiné Bissau normalmente são as pessoas mais velhas que detêm o poder religioso e o contato com o sagrado, são os régulos que coordenam as cerimônias e rituais e são os guardiões dos Irãs e objetos sagrados.

Mariu Pereira i regulu na bairu di Ntula, si tarbadju i di mostra djintis ke ki e dibi di fasi ku ke ki e ka dibi di fasi. Si pape tchoma Mituka, si mame i Antikoka.

I rijistadu, i padidu dia 30 di setembru di 1943, el i pepel. Tarbadju di regulu ta pasa di djorson pa djorson, si tarbadju i konsidja djintis, i fasi dizaseti anu ki na rena. Si pape sinal manera di djunta djintis, i sustenta si kabesa ku kontribuson ki ta risibi.

I tene tris mindjeris ku seis fidjus: Pomu, Fatinha, N'tenki, Dirson, Mildinhu ku Didiana.

I ta fasi sirmonia na baloba ku un kabas, un garafa di kana ki ta pudu dentru di kabas djuntu ku un bokadinhu di arus.

Regulus di Guine-Bissau, i ta sedu sempri djintis bedju, e ki ta toma puder relijozu ku kusas sagradu, e ta manda na sirmonias di ronia spiritus di Antipasadus.





FOTÓGRAFO | FOTOGRAFU

SALIU BALDE

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Aida Sambu Ana Gano Junior Adão Tunque Nataela S. Djemé Papis Dju Rebeca Tiba Rute Marceano Futana Tânia Mário Joaquim Julmira da Costa Tham Hana Landim Tidjane Balde

Saliu Balde é professor da escola Guerra Mendes no bairro do Pluba II, mas também é fotógrafo e os equipamentos que utiliza para fazer o seu trabalho são: a máquina de tirar fotografias, um fundo, tesoura, câmara escura, aparelhos para fazer a revelação das fotografias, e também equipamento de lavagem e secagem das fotos em papel.

Saliu fotografa as pessoas da família, festas, casamentos e acontecimentos que as pessoas querem ter recordação.

Filho de Sanbel Balde e de Cadidjato Sabafi, nasceu em 15 de fevereiro 1964 na região de Sonaco e tem registro de nascimento, e pertence da etnia Fula, que há cinco séculos ocupa a região leste da Guiné Bissau, e que pelo censo de 1991 foi considerada a maior do País.

Aprendeu a fotografar por curiosidade e também porque ajuda a sustentar a sua família. Ele é casado e tem dois filhos: Saliu Baldé Junior e Florinda Djabu Baldé.

E aconselhou que as pessoas devem pegar firme no trabalho.

Saliu Balde i pursor na skola Guera Mendis na bairu di Pluba II, el tambi i fotografu, i ta tarbadja ku makina di tira foto, un panu pa fasi fundu, un tisona, kamara sukuru, makina di laba fotos ku ikipamentu di lavajen ku di seka foto na papel.

Saliu ta tira fotos di famílias, di kasamenti, di festas ku di rikordason.

El i fidju di Sambel Balde ku di Kadidjato Sabafi, i padidu dia 15 di Fevreru de 1964, na rijon di Sonaku, i rijistadu, el i fula, rasa ki dedi sinku sekulus e okupa rijon lesti di Guine-Bissau: na Risensiamentu di 1991 e konsideradu djintis mas tchiu ki ten na pais.

Ku risu kabesa ki Saliu sina tira foto pa pudi djuda sustenta si familias. El i kasadu i tene dus fidjus ki tchoma Saliu Balde ku Florinda Djabu Balde.

I konsidja djintis pa e pega tesu na tarbadju.



AMAZÔNIA

O sol retorce a paisagem
sobre pés de pedra dura.
Estalam verdes do rio.
Peixes redondos, prateados
como escamas esmaltadas
nas tarrafas de chumbadas.

Uruás partem seus cascos
no barro virgem das grotas.
Alguidares se restauram.
No mormaço das mangueiras
as mulheres temporãs
tecem tarrafas chumbadas.

De torrentes concentradas
vive meu verso bisonho,
sustido em fibras telúricas
do sítio, favas de sol.

Balada, ELSON FARIAS
(livro Poesia do Amazonas, ed. Valer)

BIJAGÓS

Antes de partir

Encherei os meus olhos, a minha memória

Do verde (verde, verde!) do meu País

Para que quando tomado pela saudade

Verde seja a esperança

Do regresso breve

Antes de partir

Encherei os meus ouvidos, a minha memória

Do palpitar que esmorece, enquanto a noite

Cresce sobre a cidade e no campo

Feito o silêncio dos homens e dos rádis...

Antes de Partir, JOSÉ CARLOS SCHWARZ

(Associação Guiné Contributo)

OFICINAS AMAZÔNIA – BERURI – PINHEIROS/UIXI



CRIANÇAS DAS ESCOLAS DE PINHEIROS E UIXI QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS

ADRIANE DE SOUZA PEREIRA ALDAIR VIANA DE CARVALHO ALESSANDRA MARQUES DOS SANTOS ALLANA DEISE VASCONCELOS DE FRANÇA ARIANE DE BRITO PEREIRA ARTHUR SOUZA DE CARVALHO CARLOS CEZAR VIANA DE CARVALHO CAROLINI VASCONCELOS DAMARIS CUNHA DE SOUZA ERIVANNY SOUZA DE SOUZA JÉSSICA DO CARMO COSTA GERSON FONSECA PINHEIRO GREISSON VIANA DE SOUZA IARA COSTA DO CARMO JAIRIS DE SOUZA E SOUZA JÉSSICA NASCIMENTO SOUZA JOICE FONSECA PINHEIRO JOSAFÁ DE SOUZA VASCONCELOS JOSUÉ SOUZA DESOUSA JULIANA DESOUSA VASCONCELOS LUCAS DESOUSA BARBOSA MARIYLSONGUERREIRO DE SOUZA MELQUE ZEDEQUI MIZAQUI CUNHA DE SOUZA NATÁLIA NOGUEIRA COSTA NIKOLAS FONSECA PINHEIRO PRISCILA VIANA CARVALHO RONALD AYRTON PACHECO VASCONCELOS RONILDA FONSECA DE SOUZA SAMUEL DOS SANTOS CARMO VALDINEIA PALMEIRA VIANA

OFICINAS AMAZÔNIA – BERURI – PINHEIROS/UXI



OFICINAS BIJAGÓS – ILHA DE BUBAQUE



OFICINAS BIJAGÓS – ILHA DE BUBAQUE



CRIANÇAS DA ESCOLA TOTOKAN DOM JOSÉ QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS

ADRIANO MAIO BARBOSA BIDANSANTA INSUMBO DOMICIANA COIATE DE PINA ELISIANA MAGDA LUIS ELIZABETE MARCELINO FERNANDES EMA PIMENTEL EZEM SANTIAGO NETO FATU CÂMARA GRACIANA AMOS PEREIRA IVANDRO ROGERS IVANILDO GOMES DE PINA JANIK JOÃOZINHO DA COSTA JANILSA ARMANDO JOSÉ BONY CÂMARA JOANINHA ANTONIO DA SILVA JOSELINA JOSÉ ODANACA JUNIOR JUNEIO SALDANHA KATEM PEREIRA LUIZINHO DOMINGOS MARTINHO MARCELINA FILIPE FERNANDO GOMES MARINA ALVES PEREIRA NICÁSIO MARINA ANTONIO ODONCA MIRA MARTINS NICÁSIA PEDRO GOMES NICÁSIO DE PINA DA SILVA RAMALHO BIDANMATCHA REINALDO DA COSTA SABINO JORGE PEREIRA TUNEIA JORGE HONEMÓ VENILSON GOMES CORREIA WILSON MÁRIO CORREIA

OFICINAS BIJAGÓS – ILHA DE CANHABAQUE



**CRIANÇAS DAS ESCOLAS GIORGIO SCANTAMBURLO E SÃO JOÃO BATISTA
DAS TABANCAS DE AN-HUMBA E INOREI QUE PARTICIPARAM DAS OFICINAS**

ALBERTO CAVALEIRO PEREIRA AMADU AUGUSTO BATIPÃO AMISSON DA SILVA ARMANDO
TIMOTEU SOARES AUGUSTO CHOFERO BARROS BRIGO SECUNA BATIPÃO CESALTINA A
LOPES CORREIA TIMÓTEO DIONÍSIA SOARES ARMANDO DUARTE HOMEM GOMES EMILIANA
FERNANDES MIA HELENA JORGE CORREIA JUCA FALCÃO JAIME JULIÃO FALCÃO JAIME JULIO
ANSUMANE LAMINE PEDRO DUARTE MARCELINO ROFICO JOAQUIM MARIO DA COSTA NEIA
HOMEM GOMES NELA JOÃO ALBERTO OCANTE PIRES QUINTINO LUIS SAMBA RUI CABRAL
SAMIRO DOMINGOS CARDOSO SANTA ALBERTO DA SILVA SANTINHO AJUDANTE SANTINHO
SOARES TCHUTCHO DOMINGOS SAMPANHA TINO FRANCISCO GOMES ZECA JORGE CORREIA

OFICINAS BIJAGÓS – ILHA DE CANHABAQUE





AMAZÔNIA

BERURI

Pinheiros-Uixi

UMA INFÂNCIA NO AMAZONAS

Quando vi as fotografias de crianças mergulhando nas águas do Amazonas, logo me lembrei da minha infância em Manaus.

Naquela época, entre 1958 e 1962, a capital do Amazonas ainda mantinha uma relação de equilíbrio com a natureza. Não havia televisão nem brinquedos eletrônicos. Na verdade, não sentíamos falta desses brinquedos nem de TV.

Nos domingos de chuva, meu avô reunia as crianças da vizinhança para lhes contar histórias. Ele viajava pelo interior do Amazonas, conhecia muitos povoados, vilas e cidades à beira do rio; conversava com caboclos, às vezes caçava e pescava com eles. Quando meu avô voltava para Manaus, contava episódios de sua viagem, as lendas que ouvia dos ribeirinhos, os peixes e animais que ele pescava e caçava. As histórias do meu avô foram tão importantes quanto os primeiros livros que eu li. Nos fins de semana ensolarados, eu e meus amigos íamos aos balneários da cidade. Os balneários eram clubes de campo banhados por um igarapé (pequeno rio) que nascia na floresta e desaguava no rio Negro. Havia dezenas de balneários, alguns públicos, onde muita gente passava o fim de semana.

Hoje, as crianças aprendem a nadar e mergulhar em escolas de natação. Ao observar as fotografias das crianças, recordei que aprendi a nadar nos balneários. Subíamos até um galho alto de uma árvore e pulávamos na beira do igarapé. Nos balneários também aprendi

MININESA NA AMAZONIA

Otcha ki n'odja fotografias di mininus e na murgudja na iagu di Amazonias, n'lembra djanan di nha mininesa na Manaus.

Na kil tempu, na anu di 1958 pa 1962, kapital di Amazonias teneba inda relason di ikilibriu ku natureza. I ka teneba inda television nin brinkedus iletrikus.

Na bardadi, no ka ta sintiba falta di es brinkedus nin di television.

Na dia dimingu ki tchuba tchubi, nha dona matchu ta djuntaba mininus pa konta elis storias. I ta bai Amazonias, i kunsiba manga di tabankas bairus ku sidadis ki sta pertu di riu; i ta kombersaba ku Kaboklus, utru ora i ta baiba montia i bai piska ku elis. Ora ki nha dona matchu riba pa Manaus, i ta kontaba pasada di si bias, storias ki obi na rius, i danu pasada di pis ku limaria ki mata la. Storia di nha dona djudan tchui suma tambi purmeru livrus ki n' lei. Na fin di sumana ki sol ten, ami ku nha amigus no ta baiba balniarius di sidadi. Balniarius i eraba klubis o lugar di kampu, nunde ki un riu pikininu ta pasaba, anti di entra na garandi Riu negru. I tenba dizenas di balniarius, alguns tambi publiku, nunde ki manga di djintis ta pasaba fin di sumana.

Aos un dia mininus ta sina nada ku murgudja na skola di natason. Ora ki n' odja fotografias di mininus, n' ta lembra kuma n' ta sinaba nada na balniarius. No ta sibi te na ponta di arvuri no salta pa dentru di riu. N' sina tambi rema na balniariu; no ta kambaba na un kanua no rema ora ki iagu baicha, te na utru klubi di





di a remar; entrávamos numa canoa e remávamos rio abaixo, até avistar outro clube de campo. Às vezes, atracávamos a canoa e pescávamos. Depois fazíamos o caminho de volta, remando contra a correnteza. O rio era a nossa escola.

Os balneários e quintais de Manaus foram os lugares mais frequentados na minha infância. Nesses lugares, eu e meus amigos jogávamos futebol, brincávamos de esconde-esconde, caçávamos calangos e camaleões com estilingues, subíamos em árvores frutíferas para colher pitangas, jambos, mangas e cachos de pitombas. Às vezes avistávamos uma cobra, um tatu, uma paca. Nunca encontramos um jacaré nas águas de um balneário, mas vimos jacaretingas (um jacaré pequeno) no igarapé da Ponte da Bolívia, situado a uns quinze quilômetros do centro de Manaus.

Era possível ver jacarés, tartarugas e garças no lago da praça Heliodoro Balbi, também conhecida como praça da Polícia. Nas praças e ruas de Manaus passávamos tardes inteiras empinando papagaio (pipa), que subiam muito alto: trezentos ou quatrocentos metros. Havia tranças de papagaios no ar, verdadeiras batalhas entre esses voadores de papel, que pareciam pássaros coloridos dançando e girando no céu azul e branco.

Todas essas brincadeiras duraram o tempo da infância e parte da minha primeira juventude. Aos onze anos ingressei no Colégio Estadual do Amazonas, a melhor escola pública da minha cidade. Algumas brincadeiras ficaram para trás e foram substituídas por outras atividades. Nessa época ainda ouvia histórias do

kampu. Utru ora, no ta fundia kanua no piska pis. Dipus no ta riba kontra mare. Riu ki no skolaba.

Balniarius ku kintal di Manaus i lugaris ki no mas ta baiba na nha mininesa. Na es lugaris ami ku nha amigus no ta djugaba bola, no fasi sukundi-sukundi, no ta mataba lagartissas ku kamalion ku boracha, no ta sibi arvuri ki tene frutas pa tira pitangas, jambus, mangus ku katchus di pitomba. Utru ora no ta odja kobra, tatu, paka. No ka ta odjaba lagartu garandi na iagu di balniariu, ma no ta odjaba ki pikininu na riusinhu di pontu di Bolívia, ki fika alguns kilomintru di sentru di Manaus.

I era pusivel odja lagartu, tatarugas ku garsas na lagua di prasa Hlisdoru Balbi, ki kunsidu tambi suma prasa di Pulisia. Na prasas ku ruas di Manaus no ta pasaba tardi interu na djuga papagaiu di papel pintchadu pa bentu, ki ta sibiba pa riba, te trizentus o kuatrusentus metrus. I ta odjaduba manga di papagaiu di papel na ar, i tenba batalias di bardadi na metadi di es papelis buaduris, ki parsi pastru pintadu, e na badja e na bua na seu azul ku branku.

N´ tarda na brinka es brinkaderas na nha mininesa ku bon parti di nha purmeru juventudi. Otchan ku onzi anu n´ entra na kolejiu Stadual di Amazonas, mindjor skola publika di nha sidadi. Alguns brinkaderas fika pa tras, e trokiadu ku utrus atividades. Na kil tempu i ta obiduba storias di nha dona, na C.E.A. ki n´ kunsu lei romansis brasileiro. Un di livru ki n´ mas gosta del i Vidas sekas, di Grasiarianu Ramus. Ora ki n´ lei es romansi, n´ ta pirsibi



meu avô, e no C.E.A. comecei a ler romances brasileiros. Um dos livros que mais me impressionaram foi *Vidas secas*, de Graciliano Ramos. Quando li esse romance, percebi que minha infância chegara ao fim. Aprendi a gostar de ler, e isso mudou minha vida. Mas essa é uma outra história.

MILTON HATOUM
escritor brasileiro

kuma nha mininesa na tchiga fin. Sina gosta di lei, ki muda nha vida. Ma es i un utru storia.

MILTON HATOUM
skirtor brasileru





REGISTRO CIVIL DE NASCIMENTO | RIJISTU SIVIL DI NASIMENTU

DALILA RAIMUNDO TRINDADE

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Iara Costa do Carmo Alessandra Marques dos Santos Natália Nogueira Costa
Melque Zedequi Arthur Souza de Carvalho Mariylson Guerreiro de Souza

Tem 75 anos, nasceu em 5 de fevereiro de 1934, e procurou pelo atendimento do barco do PAI para fazer registro de nascimento e a papelada para poder ter a aposentadoria.

É natural de Arumã no Puruxi. Ficou viúva, mas casou de novo e teve sete filhos com o segundo marido, mas agora o marido já está velho, e os filhos não moram mais com eles. Dois estão em Manacapuru, três em Manaus e uma filha se chama Marli Paixão. Ela e o marido moraram em Manaus, mas ela não gostou e deixou a casa pro filho.

Antes moravam em Pinheiros, mas foram para a comunidade do Bacuri porque o Mané Viana lhes deu uma vazante há cinco anos. Escolheram o Arapuá porque tem muita fartura, mas a água acabou com a roça e eles tiveram que arrancar tudinho.

A D. Dalila aprendeu a trabalhar desde cedo, mas agora esta cansada e quer se aposentar, e comprar um ranchinho. Ela trabalha porque gosta, mas agora que esta velha e cansada, quer ficar aposentada para não precisar trabalhar mais.

I tene 75 anu, i padidu dia 5 di Fevereru di 1934, i buska atindimentu di barku di PAI pa fasi rijistu di nasimentu ku utrus dukumentus pa pudi bin otcha ajuda di stadu ora ki bedju o i sta duenti.

I padidu na Aruma na Puruxi. Si omi muri, ma i kasa mas ku utru i tene seti fidjus ku sugundu omi, i bedju dja si fidjus ka mora ku elis. Dus fidjus mora na Manakapuru, tris sta na Manaus, ma i ka gosta di la i sai i disa si fidjus na kasa.

E moraba na Pinheiru, ma e bai pa kumunidadi di Bakuri sinku anu sin tene nada, e muda mas pa Arapua pabia la i ten manga di fartura.

Dona Dalila sina tarbadja sedu, gosi i kansa i misti diskansa. I ta tarbadja pabia i gosta, ma gosi i bedju i kansa i misti diskansa pa ka tarbadja mas.





PARTEIRA DE PINHEIROS | PARTERA DI PINHEIRU

IRACI SOUZA CARVALHO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Mizaqui Cunha de Souza **Nikolas Fonseca Pinheiro** Damaris Cunha de Souza
Joice Fonseca Pinheiro Gerson Fonseca Pinheiro

É a parteira de Pinheiros. Tem 77 anos, é registrada, nasceu em 2 de agosto de 1942 em Piracatuba, Lago do Caiuê, no Purus. É viúva, tem oito filhos vivos.

Trabalha de parteira no benefício da comunidade auxiliando as mulheres que não podem partir para o Beruri para dar a luz. Quando a chamam ela vai lá para ajudar e é reconhecida pelo povo de Arapuava.

Além de parteira, trabalha na roça, pesca e faz os serviços de casa. Gosta do que faz, e acredita que é o que tem a fazer, e Deus lhe permite fazer. Se fosse trocar de profissão faria além do serviço de casa também tala (cestaria). Escolheu morar em Pinheiros porque o esposo era daqui, e ela se deu bem com a comunidade. Ajuda a fazer os partos e os trabalhos de casa com quem precisa. Já foi tesoureira da comunidade e faz todo o serviço que a chamam pra fazer. Algumas das crianças que participaram do projeto ela ajudou a nascer: Nikolas, Joice e o Gerson, que quando nasceu não chorou muito, mas ela deu uma palmadinha nas costas pra soltar a voz, que lhe tinham ensinado, e daí ele chorou.

A D. Iraci já ajudou a nascer mais de 100 crianças. Primeiro na comunidade de Santíssima Trindade e depois em Pinheiros.

El i partera di Pinheiru. I tene 77 anu, i rijistadu, i padidu dia 2 di Agustu di 1942, na Pirackatuba, lagua di Kaiuae, na Purus. El i viuva i tene oitu fidjus bibus.

El i partera i ta djuda mindjeris di tabanka ki ka pudi bai pa Beruri pa bai padi. Ora ke tchomal pa un mindjer ki na sinti dur di partu, i ta bai djanan pa bai djudal, i rikunhisiu pa povu di Arpuava.

Alen di i sedu partera i tarbadja na lugar, i ta piska i fasi utrus tarbadjus di kasa. I gosta di ke ki ta fasi, i fia na si tarbadju, Deus ki ta djudal na si tarbadju. Si i pa torkia di purfison alen di tarbadju di kasa, i na sedu kumpudur di balai. I bin mora na Pinheiru pabia si omi i eraba di la, i ta daba ben ku tudu djintis. I ta djudalba ora ki na padinti djintis, i ta djudaba tudu kin ki pirsisa. El i tisoreiruba di tabanka, i ta fasiba tudu ke ki tchomaduba pa fasi. I ten mininus li na prujetu ki djuda se mame padi elis: Nikolas, Joisi ku Jerson, ki padidu i ka tchora, i suta-sutal na rabada pa i pudi tchora, kusa ki sinadu fasi, ora ki mininu padidu i ka tchora pa suta-sutal na rabada pa i pudi tchora, kila ki fasil i tchora.

Dona Irasi djuda dja 100 mames padi se fidjus. I tabadja purmeru na kumunidade di Santissima Trindadi dipus na Pinheiru.





CAÇADOR, PESCADOR E AGRICULTOR | MONTIADUR, PISKADUR I LABRADUR

EDMAR FRANCO DO CARMO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS | ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Priscila Viana Carvalho Jéssica do Carmo Costa Samuel dos Santos Carmo
Carlos Cezar Viana de Carvalho Carolini Vasconcelos

É caçador, pescador e agricultor na comunidade ribeirinha de Pinheiros. Nasceu em Aiapuã no dia 4 de maio de 1954. Pratica a pesca e a caça, mas a agricultura é a sua atividade principal. Tem roça de mandioca, macaxeira, cana, cará. Acorda todos os dias às 7 horas da manhã e vai para a roça trabalhar.

É casado, tem oito filhos. Gosta muito do que faz, e o que ganha com seu trabalho é suficiente para manter a sua família. Veio morar nos Pinheiros porque a mulher que escolheu para casar era de lá.

Mora num flutuante, onde tem um macaco, dois cachorros, uma tartaruga e muitos patos.

A comunidade de Pinheiros esta situada às margens do lago Ayapuá, região que hoje encontra-se em uma área de proteção ambiental. A abundância de água e a floresta densa tipicamente amazônica, abriga uma fauna rica e diversificada, além de uma imensa variedade de espécimes vegetais. A caça e a pesca na região é abundante, e fonte de alimento para a população ribeirinha.

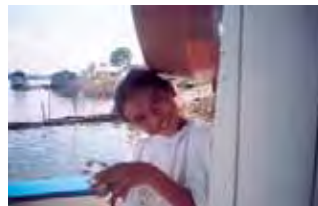
I montiadur, piskadur, labradur di tabanka di Riberinha di Pinheiros.

I padidu na Aiapua, dia 4 di Maiu di 1954. I ta piska i montia, ma ke ki mas ta fasi i labra. I tene kampada di mandio-ka, batata, kana ku manfafa. I ta korda tudu dia parmanha seti ora i bai tarbadja na si kintal.

El i kasadu i tene oitu fidjus. I gosta di si tarbadju, ke ki ta nganha ku si tarbadju i tchigal ku si familia. I bin mora na Pinheiros pabia si mindjer i di la.

I mora na un baraka ku un santchu, dus katchuris, un tataruga ku manga di patus.

Kumunidadi di Pinheiros sta pertu di lagua Aiapua, rijon ki aos i tene proteson ambiental. Manga di iagu, matu garandi suma di Amazonas, tchon gurdu, manga di tipu di pos. Manga di djintis ta piska e montia na es rijon, i kusas ki populason di Riberinha mas ta vivi del.





PRESIDENTE DA COMUNIDADE DE UIXI | PRISIDENTI DI KUMUNIDADI DI UIXI

RUI DA SILVA BARBOSA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Aldair Viana de Carvalho **Lucas de Souza Barbosa**
Mariylson Guerreiro de Souza **Josué Souza de Souza**

É presidente da comunidade de Uixi há quatro anos, mas está entregando o cargo. Além de presidente é gestor do conselho da Reserva Ayapuá. Uixi é uma comunidade ribeirinha que fica a uma hora de barco de Pinheiros, às margens do lago Ayapuá no município de Beruri, estado do Amazonas. Devido à alta diversidade e relativa baixa densidade das espécies na região amazônica, as Unidades de Conservação precisam possuir grande área para conter populações viáveis, que permitam às espécies persistir a longo prazo. Este argumento se torna mais forte quando a Unidade de Conservação é de uso direto, como as RDSs. Tem 37 anos e nasceu em Manacapuru no dia 6 de julho de 1971.

Mora em Uixi há 15 anos, veio passar uma festa em Uixi e ficou um ano sem voltar, pois arrumou uma esposa com quem está até hoje. Ela se chama Maria Francisca Viana de Souza. Tem doze filhos espalhados por aí, sendo que cinco com a esposa.

Diz que escolheu Uixi porque o clima é bom, o lugar é bonito. Os companheiros, alguns que já partiram, são grandes amigos, e gosta muito da comunidade.

I fasi kuaru anu ki na manda na Uixi, ma i pertu dja nregra si mandatu. Alen di i sedu prisidenti el ki ta manda na Konsidju di Reserva di Ayapua. Uixi i un tabanka ki sta pertu di Riberinha, i ka lundju ku barku di Pinheru, pertu di lagua di Ayapua na munisipiu di Beruri, stadu di Amazonas. Kusas tudu muda nes rijon, i ka ta odjadu dja nada ki staba na rijon di Amazonas, e tarbadju dibi di lastra pa tudu ladu pa ntindinti populason pa e ka muda nada, pa tudu kusas kontinua manera ki staba pa tudu tempu. Otcha e kunsu es tarbadju e ta tarbadjaba suma RDSs; i staba duru, e fasi dja 37 anu, i kunsu na Manakapuru, dia 6 di Juliu di 1971.

Rui fasi dja 15 anu ki mora na Uixi, i bai son pasa feria la, i fika la un anu sin riba, i randja mindjer ki tene te aos. Si nomi i Maria Fransiska Viana di Souza. Rui tene dozi fidju ki padjiga pa tudu ladu, sinku ku es si mindjer ki tene gos.

I fala kuma i fika na Uixi pabia i tene bon klima, i bonitu. Si kolegas i si amigus garandi, utrus bai dja. I gosta tchiu di kumunidadi.





PROFESSORA DE UIXI | PUSORA DI UIXI

DEUSA PACHECO VASCONCELOS

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Erivanny Souza de Souza Ariane de Brito Pereira
Adriane de Souza Pereira Greisson Viana de Souza

É professora em Uixi e leciona para as crianças que estão na alfabetização de três a quatro anos, e para os maiores também. A Deusa tem 35 anos e nasceu no dia 30 de agosto de 1973, em Beruri, no rio Purus, estado do Amazonas. Tem registro de nascimento. É formada em magistério. É professora há sete anos na zona rural e funcionária municipal há 21 anos. Fez a formação acadêmica e o programa do governo federal de formação de magistério. Acha muito bom fazer formação.

Ela gosta do que faz, e sempre trabalhou na área da educação. Começou em 2004 na comunidade de São Lazaro no Arumã, e entre 2005 e 2008 foi professora em São Sebastião, na zona rural. Escolheu Uixi para morar porque se identificou com o lugar e achou que precisavam de professores ali, e também porque gosta de trabalhar em comunidades porque o trabalho é reconhecido.

Aprendeu a sua profissão estudando, e sabe que é preciso se capacitar, e que tem muitos programas do governo federal para fazer capacitação de professores na zona rural, e acredita que o professor não pode ficar parado senão a educação não vai pra frente. Considera um privilégio trabalhar nas comunidades ribeirinhas: “Eles precisam, dão valor ao professor que chega até aqui, você é privilegiado pela flora e a fauna e o seu trabalho é reconhecido por todos”, diz ela.

El i pursora na Uixi i ta sina mininus ku garandi ki ka sibi inda lei ku skribi. Deusa tene 35 anu, i padidu dia 30 di Agustu di 1973, na Beruri, na riu di Purus, stadu di Amazonas. I rijistadu. El i pursora formadu. I da dja aulas na ki tabanka seti anu, i fasi dja vinti i un anu ki na tarbadja. I fasi formason di akademia ku porgramason di governu federal di formason di pursor, pabia i odja kuma i bon fasi formason.

I gosta di ke ki ta fasi, sempri i tarbadja na aria di idukason. I kunsu na 2004, na kumunidade di San Sebastion, na kumunidade. I kudji Uixi pa mora pabia i odja kuma e pirsisa di pursoris la, i gosta tambí di tarbadja na tabanka pabia si tarbadju ta rikunhisidu.

I studa nan pa sedu pursor, i sibi kuma i prisis sina pa sibi, otcha ki sibi kuma governu federal tene manga di porgrama di forma pursoris pa zonas di tabanka, i fia na kuma pursor ka pudi fika paradu, si ka sin idukason ka na bai pa dianti. I seta bai tarbadja na tabankas di riberinhas: pabia e pirsisa, e ta da pursor ki bai la balur, bu tene balur pa tudu, te matu ku limarias ta balurau, bu tarbadju ta rispitudu. Es i kusas ki konta.





CONSTRUTOR | KUMPUDUR DI KUSAS

VITORINO PEREIRA DE MIRANDA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Allana Deise Vasconcelos de França Ronald Ayrton Pacheco Vasconcelos
Juliana de Souza Vasconcelos Josafá de Souza Vasconcelos

Nasceu em 2 de novembro de 1942 em Aiapuava, mas mora em Uixi, município de Beruri, Amazonas. Tem registro de nascimento. O seu pai chamava-se Manuel Pedro de Miranda, e a mãe Carolina Pereira de Miranda.

Está ajuntado há três anos, mas vai casar porque a companheira é crente. Foi casado pela primeira vez por 23 anos e tem 12 filhos com a primeira companheira. Nenhum com a segunda, mas está criando um menino.

Sua profissão é fazer barco, casa e canoa, começou a trabalhar na construção de barcos e casas quando tinha 30 anos. Ele gosta muito de trabalhar na construção, principalmente de barcos, as madeiras que compra para os barcos é itauba, massaranduba e louro. O que mais faz é batelão (barco de uma madeira só), mas também ajuda a comunidade e quem precisa, agora esta ajudando uma mulher que é viúva construindo uma parede na casa dela. Ele sustenta a família com o seu trabalho, mas gosta muito de roça e se tivesse que mudar de profissão ia escolher a roça, e a criação.

I padidu dia 2 di Novembru di 1942, na Aiapuava, i mora na Uixi tabanka di Beruri, na Amazonas. I rijistadu, si pape ta tchomaduba Manuel Pedru di Miranda, si mame i Karolina Pereira di Miranda.

I mora ku si mindjer kuaru anu dja, ma e pertu fasi kasamenti pabia si mindjer i krenti.

I kasaba dja, e fasi vinti i tris anu ku si mindjer, e tene dozi fidjus. I ka tene nin un fidju ku sugundu mindjer ma e tene un mininu di kriason.

I ta kumpu barkus, kasas ku kanuas, i kunsas es tarbadju otcha i tene 30 anu. I gosta di si tarbadju, ma i mas gosta di kumpu barkus, maderas ki ta kumpra pa kumpu barku i di po di tagara po di sangui ku po di lur.

I mas ta kumpu barkus garandi, i ta djuda djintis ki pirsisa, es tempu i na djuda un mindjer ki omi muri kel, kumpu padiru di si kasa.

I ta sustenta si familias ku si tarbadju, i gosta tambí di ortas, ora ki para si tarbadju, i na bai fasi un orta i sumia si kusas, i kria si limarias.





MEDICO DO BARCO DO PAI | MEDIKU DI BARKU DI PAI

ALAN RODRIGUES DE AZEVEDO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Jéssica Nascimento Souza **Jairis de Souza e Souza**
Valdinéia Palmeira Viana **Ronilda Fonseca de Souza**

É médico do barco do PAI (Pronto Atendimento Itinerante). Nasceu no dia 18 de dezembro de 1982 em Vitória da Conquista na Bahia. Tem registro de nascimento e é formado pela Universidade Federal de Goiás. Trabalha como médico lá no exército brasileiro, e é a primeira vez que está trabalhando no barco do PAI que presta pronto atendimento itinerante. “Desde que comecei a viagem há seis dias, é a quinta comunidade, e eu atendi cerca de 360 pessoas”, disse o doutor Alan. Está muito feliz com a oportunidade de trabalhar num programa como esse fazendo atendimento básico às comunidades locais.

Considera uma experiência nova e muito gratificante. Teve oportunidade de atender pessoas com doenças bem diferentes, e tem visto muitas dificuldades, mas é muito bom poder ajudar essas pessoas. Diz ter a certeza de que quando voltar para a cidade vai voltar com uma mentalidade completamente diferente, vai dar muito mais valor à vida e às pequenas coisas, e que aprendeu a valorizar as pessoas na sua situação local, a ver o ser humano com um olhar muito diferenciado do que aquele que as pessoas vêem nos grandes centros.

Os materiais que ele usa para atender as pessoas no barco são os básicos: o estetoscópio, o esfigma manômio, o termômetro, a seringa, agulhas, pinça, gaze, luvas.

El i medidu di Barku di PAI (Prontu Atindimentu Itineranti). I padidu dia 18 di Dizembru di 1982, na Vitoria di Konkis-ta na Bahia. I rijistadu, i forma na Universidadi Federal di Goias. I tarbadja suma mediku na izersitu brasileiro, es i purmeru bias ki na tarbadja na Barku di PAI ki ta presta pruntu atindimentu itineranti. “Dedi ki n’ kusa ianda n’ fasi dja seis dia, es fasi sinku tabanka ki n’ na ianda, n’ atindi dja serka di 360 djintis”. I kontenti ku es oportuni-dadi ki otcha di tarbadja na un programa suma es, pa ba ta atindi djintis na kumunidadis.

I gosta tchui di e novu spiriensa ki tene. I atindi dja manga di duensas diferentis, i odja manga di difikuldadis, ma i bon dimas pudi djuda es djintis. I fala kuma i tene sertesa di kuma ora ki na riba pa sidadi i na riba ku pensamentu diferenti, i na mas baluriza vida ku utru kusas pikininu, pabia i sina baluriza djintis na se situason ke ta vivi na se tabanka, djubi pekaduris di manera diferenti di ki manera ki djintis ta odjadu na sidadis garandi.

Matrialis ke ta atindi djintis i: stetoskopiu, pa sukuta korson. Sfigma manomiu pa djubi preson, termometru pa mi-di tempertura, gudja ku siringa pa fasi utrus tarbadjus, pinsa, gazi, luvas, pa atindi djintis.



BIJAGÓS

Ilha de Bubaque

Ilha de Canhabaque





AS CORES DO OUTRO LADO DA VIA

Quando se pensa na natureza muitas vezes se imagina o verde ou o azul, cores predominantes do nosso imaginário terra e água, dois elementos cruciais do conjunto. São cores que servem de matriz e podem ser combinadas com muitas outras que lhes emprestam diversidade, emoção ou caráter.

Quem sobrevoa a Guiné-Bissau pode perceber que esse território da costa mais ocidental africana, tão entranhado pelo mar, com as suas baías de lodo ou terra preta, enriquecidas pela água salgada, se parece como uma concha gêmea ao imenso Amazonas. O macaréu, do outro lado chamado pororoca, aí está para nos lembrar a proximidade.

Este livro carinhoso não fala só de proximidade – aquela tão cruamente dita e fotografada por seres dispensados de sarcasmo, cinismo ou calculismo, como são nossas crianças – mas, sobretudo, de cumplicidade. A cumplicidade dos mangais, das frutas ácidas que se comem com sal, do peixe grelhado só com limão e sal, dos salgadinhos, das músicas sem instrumentos, dos cantares imitando os pássaros, dos gritos entre sorrisos malandros, das casas modestas, mas bem cuidadas, dos rituais da adolescência vadia, das noites longas e dos dias quentes. Uma cumplicidade de moleques, miúdos, que não se conhecem, mas é como se.

Bissau é pobre, maltratada e descuidada, mas consegue guardar a alegria. Aí se dança, se festeja, se arranja desculpa para entrelaçar os dois com qualquer relação ao leve leve, por-

KOR DI UTRU LADU DI KAMINHU

Ora ku no na pensa na natureza manga di bias sintidu ta bai pa koris verdi ku azul, koris ku ta mora mas tchiu tempu na no kabesa, verdi di terá, azul di yagu, dus kusas importantis des kondjuntu. Es koris ku ta sirbi di marka i pudi tan djuntadu ku manga di utrus koris ku ta buri elis diversidadi, emoson ku karakter.

Kin ku na bua riba di Guiné Bisau pudi ntindi kuma e tera ku fika na parti mas osidental di África, ku mar entra na si korson te na fundura, ku si roda di mar di lama o reia pretu, lagadu pa yagu salgado ta parsi, suma koncha djemia, ku garandi Amazónia. Ku tene tambu makare ku na utru ladu ta tchomadu pororoka, es tudu pa lembrantanu kuma ku nô pertu n'utru.

E libru bonitu kata papianu son di manera kuma ku nô pertu n'utru – ma i ta mostranu ku simplisidadi, sin sinismu, nim sintidus mofinus, kusas ku son mininus pudi fasi. Di frutas fortis ku ta kumedu ku sal, pis yasadu son ku limon ku sal, kusas salgado, musikas ku ta otchadu, ku kualker kusas, kantigas ku ta parsi kanta di pastrus, gritus ku garasas di malandrisa, kasas simplis ma limpu, sirmonia di rapasiadas ku na yari-yari sin tarbadju, di notis kumpridus ku didias kinti. Tarpasa di mininus, ku ka sibi, kuma ki sedu o i disa di sedu.

Ali Bisau pobri, maltratadu, disabidu djubi, ma sabi.

Ku si badjus, si festas, tudu diskulpa ta randjadu pa pudi barsa n'utru, pabia bida fasidu pa vivi i nin i ka pirsis bin ke konbersa di kan-

que a vida foi feita para se viver e não adianta vir com essa conversa das dificuldades e do pesado que é carregar essa nossa cruz.

Fixar a realidade num quadrado? Não é fácil. Por isso, só muitos registos, anotações e mensagens podem compensar a distância que se quer encurtar. Olhar cruzado é isso mesmo, mostrar ao outro o que se pensa ele já conhecer, pelo menos imaginar, porque os quadrados, muitos, as fotos que pululam dessas cabeças sorridentes, devem chegar para tapar o buraco do mundo: tudo aquilo que a gente não vê.

Engolir a carne de cabra assada no Pilum, sacudir o peixe cru do Pindjiguiti, raspar no muro do 24 de Setembro, ouvir Santa Luzia zurzir, zumbir a dor no Simão Mendes, entender os Heróis Nacionais, com sua grande estátua a Maria da Fonte, que ninguém conseguiu ou consegue remover, nem a guerra civil que destruiu à volta, só com a imaginação destes portadores de sonhos equipados para fotografar. Eles dão vida à vida. Eles são meninos à procura de sorte, e acreditam que comunicar com outros é bonito, giro, fantástico. Aí estão eles entregues aos únicos pontos de inspiração que seus olhares indicam: o saber que vêm de dentro, tão bem captado nas palavras dos anciões e personalidades da comunidade.

Bissau, que amanhece cedo com as candongas do Bandim e se prolonga nas velas dos bairros escuros, onde se ouvem os ritmos do gumbé, só pode mesmo amar seus meninos. Eles são a identidade dos desconhecidos, mas nunca desamparados, porque sua força e seu futuro

sera i pirsis lebia e krus pisadu ku no karga sin, i no ten ku mpalia.

Mostra rialidadi na un kuadradu? Ampus,i ka tarbadjusinhu. Pabia di kila, son manga di rid-jistus, apontamentus ku rekadus ku pudi fasi distancia ku ten menusadu. Olhar Kruzadu i kila propi, mostra alguin ke ki ta pensa kuma i kunsibadja, pelu menos i ta pensa kuma i kungsi, pabia kuadradus kilas tchiu i pasa ku litratus ku kada kabesas kontentis di mininus ta tira disel, dibi di tchiga pa tapa buraku di mundu: tudu kil ku guintis kata odja.

Kume karni di kabra na Pilun, sakudi pis kru na Pindjikiti, raspa muru di Stadiu 24 di Setembro, obi Santa Luzia na si kadjofadia, ku Simon Mendi ku na guirta si duris, ntindi erois di Téra, ku si statua garandi di Maria di Fonti ki ka diselku ninguin ka pudi pati, nin guera sivil ku dana tudu kau, ka konsigui danal, si ka litratu de dunus di sunhus ku se ason kamba nô imaginason. Asin e buri bida kusa ku tenebadja si bida. Elis i mininus ku na buska sorti, i e fia kuma kombensa ku n'utru i kusa mas bonitu ku ka tem kumpanher. Ala elis un puntu son ku djunta elis, tudu kil ki sedu firkidja di se bida i bin di se garandis, di guintis ku ta ripresenta algun kusa na se kumunidadis.

Kuma ku Bissau ku ta korda sedu ku barudju di kandongas di Bandé i ta durmi ku lus di belas ku ta lumia si bairus sukurus, ku tokus di gumbe ta mpalia, pudi ka gosta di si mininus. Elis i udju di kilis ku ka kunsidu, ma ku nunca distranha, pabia di se forsa ku se amanha dipindi – ne mundu ku aos bida pikininu – di se forsa propi; ma tambi di se kapasidadi di pudi kumunika ku kumpanher.





depende – neste mundo com geografia menor e reduzida – das suas próprias forças; mas também da sua capacidade de comunicar.

Os protagonistas que fotografam e desenham sabem que comunicar é fácil. É só olhar para as janelas daquelas casas modestas. Lá está o grande Atlântico. Com um cruzar de olhos, já se avista o azul e o verde. Deve ser o grande Amazonas, do outro lado da via.

CARLOS LOPES
escritor guineense

Guintis ku tira es litratu ku fasi es disenus sibi kuma kombersa ku n'nutru ka kansadu. Basta bu djubi son na janelas di kil kasas simplis. Aladjanan kil mar di fora ku si garandesa ta pirdiu di bista bu ta kaba pa bin odja son azul ku verdi. Ku ta fasiu pensa kuma nunde ku bista pirdi sin na utru ladu di kil mar garandi i sta Amazónia.

CARLOS LOPES
skirtor ginensi





CAÇADOR | MONTIADUR

PAPIS AJUDANTE

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Ocante Pires **Rui Cabral Samiro Domingos Cardoso**
Santinho Ajudante Santinho Soares

Mora na tabanca de An-humba na Ilha de Canhabaque, é filho de Ajudante Pedro e Fanta Correia, nasceu em 2 de março de 1985, e não tem registro de nascimento. É solteiro e não tem filhos.

Tem a profissão de caçador, começou a caçar em 2005. Para fazer o seu trabalho precisa ter uma arma, cartuchos, catana e faca. A arma que ele tem ele comprou.

Sai para caçar às sete horas da manhã, e os animais que mais caça são cabramato e macaco, mas ele não costuma vender os animais que caça.

Aprendeu a caçar indo no mato ver o macaco e começando a foguear. A caçada mais difícil que fez foi uma vez que viu o macaco e a arma não disparou. Também tira óleo e vinho de palma.

Nas Ilhas Bijagó é mais comum o uso de lanças e armadilhas, pois poucas pessoas podem comprar armas de fogo. Embora os mais velhos possam recordar a utilização do arco e da flecha, hoje em dia esta arma já não se encontra em lado nenhum, a não ser como arma simbólica em algumas cerimônias religiosas ou como brinquedo para as crianças.

Papis i di tabanka di An´umba na djiu di Kanhabaki, el i fidju di Adjudanti Pedru ku Fanta Koreaia. I padidu dia 2 di Marsu di 1985, i ka rijistadu. I ka tene mindjer nin fidju.

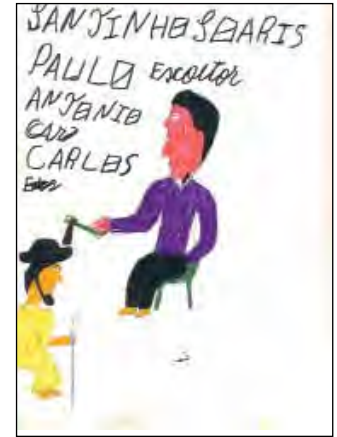
El i montiadur, i kunsu montia na 2005, i ta montia ku arma ki kumpra, kartus, tarsadu ku faka.

I ta bai montia seti ora, i mas ta mata kabra-matu ku santchu, ma i ka ta bindi si limaria ki ta mata. I sina montia el son, i ta bai matu i kunsu na fuguia santchus. Ke ki mas markal na si montia, i un dia ki bai pa bai fuguia un santchu si arma nega fuguia.

Papis i kortadur tambi, i ta korta tcheben i tira siti, i fura binhu palmu.

Na djiu di bidjugu djintis mas ta montia ku armadidja ku kanhako, pabia e ka tene dinheru pa kumpra arma. Djintis bedju ta montia ku flecha kuntindin, ki aos es kusas ka ta odjadu na nin un kau, son si na un sirmonia o brinkadera di mininus ki ta odjadu.





ESCULTOR | LABRADUR DI BONEKU

PAULO ANTONIO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Ocante Pires Rui Cabral Samiro Domingos Cardoso
Santinho Ajudante Santinho Soares

Filho de Antonio Carlos e Domingas Pereira, nasceu em 5 de maio de 1978 e tem registro de nascimento. Aprendeu a profissão de escultor com o tio, e começou a trabalhar a madeira em 1998. Para fazer o seu trabalho precisa ter uma faca afiada, algumas ferramentas e a madeira das árvores.

Tem filhos, mas o rendimento da arte de escultor não é suficiente para sustentar a família, então é também professor, mas o seu primeiro trabalho é escultor e o segundo é professor. Faz bonecos de cabaró, canhocam, cundere, camabis, casuca, defuntos, Irãs e outros espíritos que fazem parte da natureza. Para fazer o Irã – que é um espírito de adoração – é preciso respeitar um ritual: levar uma folha de tabaco e um pouco de aguardente para fazer uma pequena cerimônia antes de derrubar a árvore para tirar a madeira para esculpir o Irã.

Os Bijagós, junto com os Nalus, são os melhores entalhadores da Guiné Bissau e produzem utensílios, artesanato para vender aos turistas e esculturas religiosas, que para fazê-las o artista deve isolar-se e submeter-se a cerimônias especiais de purificação, para que as obras tenham efeito sagrado e poderes.

El i fidju di Antoniu Karlus ku Domingas Pereira, i padidu dia 5 de Maiu di 1978, i rijistadu. Si tiu ki sinal labra pos, i kunsu tarbadja el son na 1998. I ta labra boneku ku un faka ki moladu sabi ku utru feramenta.

I tene fidjus, ma dinheru ki ta nganha na si tarbadju ka ta tchigal pa i sustenta si familias, el ki manda i randja tarbadju di da aulas, ma si purmeru tarbadju i labra pos. I ta labra boneku di kabaru, kanhocam, kundere, kamabi, kachuka, difuntus, irans ku utrus spiritus ki ta fasi parti di natureza. Ora ki na labra iran i ta leba un fodja di tabaku ku un bokadu di kana pa bai darma antis di durba po ki na labra iran.

Bidjugus ku Nalus, i djintis ki mas ta labra pos na Guine-Bisau, e ta labra kusas pa bindi turistas ku kusas rilijosu, ora ke na labra irans o utrus bonekus rilijosu, e ten ki fasi un ronía o un sirmonia pa i pudi tene puder sagradu.





PESCADOR | PISKADUR

ZÉ CORREIA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Alberto Cavaleiro Pereira Augusto Chofero Barros
Juca Falcão Jaime Neia Homem Gomes Tchutcho Domingos Sampanha

Mora na tabanca de An-humba na Ilha de Canhabaque, tem 76 anos, filho de Correia e Teté, não tem registro. A sua profissão é pescar e cortar tchebém, que é uma palmeira que produz um fruto muito usado na culinária bijagó.

Começou a pescar em 1955 e usava rede grande que ele mesmo fazia, e parou em 2007.

Ele tem muitas histórias para contar, das tempestades, dos tubarões, de coisas que chegaram a acontecer com ele na pescaria.

O peixe é abundante no oceano e na costa da Ilha de Canhabaque. Os homens pescam no mar enquanto as mulheres catam os moluscos nas praias.

As técnicas mais tradicionais dos homens bijagós são: *Esu-aké* – que usa o arpão para a captura dos peixes grandes como os tubarões, peixe espada e martelo; e tem também *Kogbú* – que é uma técnica antiga que consiste em cercar com estacas, cestos ou rede uma área pouco profunda ao longo da costa, e quando a maré baixa, o peixe fica preso.

El i di tabanka di An'umba na djiu di Kanhabaki, i tene 76 anos. El i fidju di Koreia ku Tete, i ka rijistadu. El i piskadur, kortadur di tcheben.

I kunsu piska na 1955, i ta piskaba ku ridia garandi ki el propi i fasi, i para piska na 2007.

I tene manga di storia pa konta ki odja na si piska. Storia di turbada, kaudus, ku utrus kusas ki odja na si piskaria.

Kanhabaki tene manga di pis, omis ta piska mindjeris ta buska kombe, lingron, gandin, kuntchurbedja ku ostra.

Manera di piska di bidjugus:

Esuake – ki sedu fidi pisis garandi ku kanhako bas di iagu, suma kaudu, pis spada ku pis martel;

Kambua: e ta tadja un riu, pis ta entra ora ki iagu intchi si na baicha pis ta fika na ridia o kambua o utru kusa di tadja riu.





CONSTRUTORA DE CASAS | KUMPUDUR DI KASA

CARLOTA OLIVEIRA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Alberto Cavaleiro Pereira Augusto Chofero Barros
Juca Falcão Jaime Neia Homem Gomes Tchutcho Domingos Sampanha

Carlota nasceu em 1969, não tem registro, é casada, tem dois filhos: N'Djuda e Zinha. O nome do seu pai é Holiveira, e da mãe é Mamãe Damil.

O braço da Carlota tem uma escarificação de badjudiça que é uma marca que se faz para identificar mulheres que já foram ao Fanado. Na porta da casa dela tem um pano vermelho que é guarda de casa. A Carlota aprendeu com a mãe a fazer casas, ela começou em 1990 e já fez 20 casas, mas além da construção ela também faz o trabalho de casa.

Tradicionalmente na cultura Bijagó as mulheres eram as principais construtoras das casas, encarregadas do transporte da água, da preparação da lama vermelha, do erigir das paredes, do cortar e entrançar da palha do teto e do endurecer e nivelar do chão com areia e lama. Os homens tinham de preparar as armações de vigas e as outras traves para sustentar o teto e fornecerem às mulheres a corda feita com tiras das folhas de palmeira e cobrirem o telhado. O trabalho é coletivo e o dono da casa tem a responsabilidade de abastecer os trabalhadores de arroz e peixe, bem como de vinho abundante e tabaco.

Karlota padidu na 1969, i ka tene rijistu, i tene omi ku dus fidjus: N'djuda ku Zinha. Nomi di si pape i Oliveira, di si mame i Mamai Damil.

Karlota tene un dizenu riba di mon disna di si badjudesa ki ta identifika mindjeris ki bai fanadu. I tene un panu bur-medju pindradu na si porta, ki ta guarda si kasa. Karlota arda tarbadju di si mame dedi 1990 ki kunsu kumpu kasa, i kumpu dja vinti kasas. Alen di kumpu kasas, Karlota ta fasi si tarbadjus tambí di kasa: pila, kusingha, bai buska iagu.

Na tradison di bidjugus mindjeris ki ta kumpu kasas: e ta kata iagu, e masa lama e ialsa paredi, e ta korta padja e tasil pa kubri kasa, e pui ntudju, e santa dentru ku baranda. Omis ta korta pos, e fasi asna ku kordas ki mindjeris buska, e kubri kasa.

E ta tarbadja djuntu, dunu di kasa ta kusingha bianda, i randja binhu ku tabaku pa tarbadjaduris.





DANÇARINA | BADJADUR DI KUNDERE

EMILIANA FERNANDES MIA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Dionísia Soares Armando **Emiliana Fernandes Mia**
Julião Falcão Jaime **Marcelino Rofico Joaquim Tino Francisco Gomes**

A Emiliana nasceu no dia 26 de dezembro de 1995 na Ilha de Canhabaque no arquipélago de Bijagós, não tem registo, ainda não é casada e nem tem filhos. Sua mãe chama-se Mame Gomes.

Ela é dançarina e toca tambor, mas também planta arroz. Ela dança porque gosta muito e começou a dançar em 8 de novembro de 2000, é de uma família que dança e toca tambor, e foi uma tia quem a ensinou. Quando vai dançar ela veste a saia e a calça, o caroço de manga nos pés e amarra cascas de marisco na saia.

Ela também gosta de estudar, de ajudar a mãe e o pai no trabalho, e também ajuda a família que mora ao lado da casa dela.

As saias tradicionais das mulheres bijagós são feitas de palha, e diferem conforme a atividade e a idade das mulheres. As saias são tingidas de vermelho, preto e branco, com diferentes desenhos, de acordo com a ilha onde é confeccionada. Os lenços para a cabeça, as correntes de conchas que enrolam à volta da cintura são também elementos essenciais do vestuário feminino entre as mulheres bijagós.

Emiliana padidu dia 26 di Dizembru di 1995, na djiu di Kanhabaki tchon di bidjugu, i ka rijistadu inda, nin i ka tene inda omi nin fidju. Si mame tchoma Mame Gomis.

I ta badja i ta toka tambur, i sibi sumia arus. I ta badja pabia i gosta, i kunsu badja dia 8 di Novembru di 2000, el i di un familia badjadur tokaduris di tambur, un di si tia ki sinal badju. Ora ki na bai badja i ta bisti saia bidjugu i pui sadjo na pe i pui konta na rabada riba di saia.

I gosta tambi di studa, i ta djuda si mame ku si pape na tarbadju di kasa, i ta djuda tambi si familias ki mora pertu del.

Saia bidjugu ta kumpudu ku korda di po, manera di kumpu saia i ta diferenti konformu idadi ku festas. Saias ta tindjido ku kor pretu, burmedju ku branku. Kada djiu di bidjugu tene si manera di tindji se saias. Mindjeris bidjugus ta mara lensu na kabesa e pui conta na rabada.





AGRICULTOR E PRODUTOR DE ÓLEO DE PALMA | LAVRADUR, KORTADUR

DUARTE JOÃO VICTOR

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Amisson da Silva Armando Timoteo Soares Marcelino Rofico Joaquim
Cesaltina A Lopes Duarte Homem Gomes Julio Ansumane Dionísia Soares Armando

Duarte João Victor, nasceu em 15 de maio de 1992, e ele é registrado. O pai é pescador e se chama João Victor, a mãe constrói esteiras e tem o nome de Dina Sangara. Duarte não tem irmãos, nem é casado e também não tem filhos.

O seu trabalho é extrair o óleo de palma, mas ele também estuda sempre para ser um bom aluno.

Ele escolheu o trabalho de extrair óleo de palma porque acha que tem mais rendimento em relação a outros trabalhos que ele fazia, porque quando tira o óleo de palma, é para ele mesmo, não tem que dividir com ninguém, mas ele pode também decidir oferecer aos outros. Ele começou a tirar óleo de palma no ano de 2003. Quando estava na Bissasima tirava um óleo de palma muito bom porque não desprezava o chabeu (os frutos da pameira). E pilava os frutos direitinho até ficar bem limpo.

O seu trabalho tem bom rendimento e até dá para guardar dinheiro para resolver qualquer problema que tiver. Ele costuma vender o óleo de palma em Bissau porque lá tem melhor preço, ele vende cada litro a 750 francos CFA. E com o dinheiro ele costuma comprar arroz para casa. O Duarte costuma ir para o mato às 7 ou 8 horas da manhã para tirar óleo de palma, acompanhado de Matcho Jorge.

Duarte João Vitor, padidu dia 15 di Maiu di 1992, i rijistadu. Si pape i piskadur si nomi tchoma João Vitor, si mame ta kumpu steras si nomi i Dina Sangara. Duarte ka tene ermons i ka tene mindjer nin fidju.

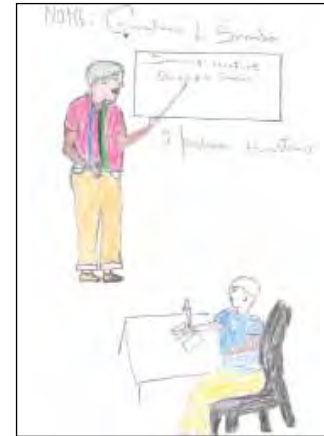
El i kortadur, i ta korta i tira siti, i ta pega tesu na skola.

I kudji tarbadju di korta tcheben pa tira siti pabia i ntindi kuma i mindjor di ki utrus tarbadjus ki ta fasiba, pabia ora ki tira si siti i parel propi i ka ta rapartil ku ninguin, son si misti pati kin ki misti.

I kunsu korta na 2003. Otcha i staba na Bissasima, i ta kortaba tcheben, i lofil i tira siti.

I ta nganha manga di dinheru ku si tarbadju, tok i ta raka-da utru pa rosolvi kualker porblema ki tene. I kustuma ta bai bindi si siti na Bisau pabia la tene bon pres, i ta bindi kada litru 750 frankus cfa, i ta kumpra arus i leba kasa. Duarte ta sai pa bai korta seti o oitu ora di parmanha, i ta bai ku si kolegas Matchu ku Jorgi.





PROFESSOR E DIRETOR DE ESCOLA | PURSOR I DIRETOR DI SKOLA

HARISTINO DOS SANTOS BIONGA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Helena Jorge Correia Lamine Pedro Duarte Ocante Pires
Quintino Luis Samba Santa Alberto da Silva Zeca Jorge Correia

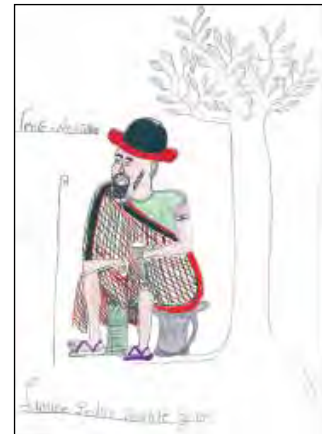
É de Bissau, mas esta residindo na Ilha de Canhabaque. Nasceu no dia 18 de maio de 1958, é registrado, seu pai se chama Dos Santos Bionga e a mãe Imbega Kubal.

Haristino tem quatro mulheres e cinco filhos que se chamam: Fidel, Gabriel, Naná, Magno e Angela. Ele hoje é diretor da Escola Giorgio Scantamburlo na Tabanca de Anhumba na Ilha de Canhabaque, começou a trabalhar na profissão de professor em 1990. Escolheu dar aulas porque gosta de ensinar as crianças. Ele disse que para ser professor é preciso tirar um curso de pedagogia, gostar de ensinar, ter paciência e gostar das crianças. Não tem nenhum professor na família, e ele aprendeu a ser professor na escola de pedagogia. Possui também um Curso Médio de Mecânica.

El i di Bisau, ma i na tarbadja na Kanhabaki. I padidu dia 18 di Maiu di 1958, i rijistadu. Nomi di si pape i Bionga dos Santos si mame i Imbega Kubal.

Aristinu tene kuaru mindjeris ku sinku fidjus ki tchomadu: Fidel, Gabriel, Nana, Magno ku Angela. El i pursor diretor di skola Giorgio Scantamburlo na tabanka di An'umba na djiu di Kanhabaki. I kunsu si tarbadju di pursor na 1990. I kudji sedu pursor pabia i gosta di sina mininus. Aristinu konta kuma, sedu pursor i pirsis fasi un kursu di formason di pursor, i gosta di sina ku pasiensa, i gosta di mininus. I ka tene pursor na si familia, i fasi kursu na skola di formason di pursor. I fasi tambu un kursu mediu di mekaniku.





CURANDEIRO TRADICIONAL | KURANDERU

TENENTE AMORINHO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Helena Jorge Correia Lamine Pedro Duarte
Quintino Luis Samba Santa Alberto da Silva Zeca Jorge Correia

Nasceu no dia 20 de maio de 1924 e não é registrado. O seu pai se chamava Martinho e a sua mãe Nana. Teve 14 mulheres, mas atualmente já não tem esposa, mas é pai de cinco filhos: Bacar, Nené, Martinho, Quinta e Aliu. É curandeiro tradicional, mas também trabalha na lavoura. Ele escolheu essa profissão porque viu que curar era muito bom, ajudar as pessoas que estão doentes para não morrerem. Ele tem um outro curandeiro na família: Uramiag Komin'ana.

O Tenente Amorinho começou a trabalhar em 1950, e já curou mais de 100 pessoas. Ele trata de todas as doenças, e disse que a doença mais frequente é dor de barriga, e que a mais difícil de curar é a doença da costela. Ele faz medicamentos para curar as pessoas com plantas que consegue no mato. Enquanto a pessoa está doente ela mora na casa do Tenente Amorinho. Ele se prepara para o seu trabalho levantando-se de manhã, troca as suas roupas e leva o doente para lavar, depois que ele acaba de tratar volta para dentro com ele e começa a tratar untando mentholato no corpo do paciente.

I padidu dia 20 di Maiu di 1924, i ka rijistadu. Si pape ta tchomadu Martinhu si mame i Nana. I teneba 14 mindjeris, gosi i ka tene nin un son, i tene sinku fidjus: Bakar, Nene, Martinhu, Kintinu ku Aliu. El i kuranderu, i pabidur. I kudji si tarbadju pabia i odja kuma i bon djuda djintis ki sta duenti pa e ka muri. I teneba dja un utru kuranderu na si familia ki tchoma Uramiag Komin'ana.

Tenenti Amorinhu kunsu kura na 1950, i kura mas di ki sen djintis. I ta kura tudu duensas, i fala duensa ki mas ta odjadu i dur di bariga, ki mas kansadu kura i dur di pontada. I ta bai buska si mesinhu na matu. Ora ki alguin sta duenti i ta bai mora na kasa di Tenenti. I ta lanta parmanha i laba si duentis ku mesinhu i unta elis ku mentolatu.





PARTEIRA DE INOREI | PARTERA DI INOREI

MORTU MAMUDO

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Amadu Augusto Batipão Brigo Secuna Batipão
Correia Timóteo Mario da Costa Nela João Alberto

Nasceu no dia 20 de janeiro de 1970 na Ilha de Canhabaque, mas não tem registro de nascimento.

O pai dela se chamava Mamudo e a sua mãe Rita. Ela tem três filhos: Martinho, N'Cudje, Bico, mas é uma família pequena. E a razão dela ter o nome Mortu é porque sempre que a mãe dela dava a luz, o filho costumava morrer, e ela foi a primeira que sobreviveu.

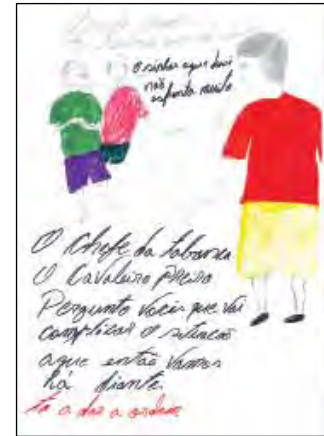
A Mortu mora na tabanca de Inorei que fica a uma hora de caminhada de An-umba. Trabalha de parteira, ela disse que escolheu ser parteira porque é o destino de Deus, já ajudou mais de 15 pessoas a dar a luz. Começou na profissão no ano de 1993, e foi a irmã dela que lhe ensinou esse trabalho. A primeira pessoa que ela ajudou a dar a luz foi a Neneta, mas ela ainda não tinha experiência, e foi difícil para a mãe da criança. Quando ela vai ajudar em algum parto ela se prepara vestindo a saia de parto e levando uma garrafa de óleo de palma que ajuda a criança a escorregar.

I padidu dia 20 di Janeru di 1970, na djiu di Kanhabaki, ma i ka rijistadu.

Nomi di si pape tchomaba Mamudu si mame i Rita. I tene tris fidjus: Martinhu, N'kudji ku Biku. E ka tchiu na se familia, el ki manda i tene nomi di Mortu; pabia si mame ta padiba i ta pirdi fidju, el i purmeru fidju ki bibu.

Mortu mora na Inorei, bu ta ianda di An'umba un ora di tempu pa tchiga la. El i partera i fala Deus ki dal es tarbadju, i padinti dja mas di ki kinzi djintis. I kunsu padinti na anu di 1993. Si ermon femia ki sinal padinti djintis. Purmeru kin ki padinti, i kansa tchiu ki sedu Neneta, pabia i ka teneba inda spiriensia. Ora ki na bai padinti alguin i ta bisti si saia i leba siti pa bai unta mininu.





CHEFE DA TABANCA DE AN-UMBA | KOMITE DI TABANKA DI AN'UMBA

CAVALEIRO PEREIRA

ENTREVISTA FOTOS DESENHOS

Amisson da Silva Armando Timoteo Soares Cesaltina A Lopes
Dionísia Soares Armando Duarte Homem Gomes Julio Ansumane

É chefe da Tabanca de An-Umba na Ilha de Canhabaque, nasceu em 12 de maio de 1961, e não tem registro.

Filho de Arsene Horinga e de Maria Lopes.

Chegou a chefe da tabanca primeiro sendo eleito aos 17 anos chefe da Juventude Africana Amílcar Cabral, e depois sendo eleito pela comunidade para o Comitê da Tabanca, e mais tarde novamente escolhido para Chefe da Tabanca.

Cavaleiro Pereira tem quatro mulheres, onze filhos e trabalha como agricultor. Antes também cortava tchebem, mas agora já não corta mais porque esta mais velho. Aprendeu a trabalhar com o pai, que lhe deu um bule com uma corda para utilizar na busca de água. Quando ele vinha da fonte, o pai mandava buscar comida na tabanca. Depois que o pai faleceu ele precisou trabalhar para não morrer, porque em Canhabaque quem não trabalha morre de fome.

Cada tabanca constitui uma unidade autónoma e independente, sob o domínio de um chefe do sexo masculino que exerce simultaneamente a autoridade religiosa e política. O chefe geralmente é vindo de fora da tabanca, mas aprovado por todos os seus membros.

Kavaleiru i komite di tabanka di An'umbá na Kanhabaki, i padidu dia 12 di Maiu di 1961, i ka rijitadu. El i fidju di Arseni N'uringa ku Maria Lopis.

Anti di i sedu komite di tabanka, i eraba chefi di Juventudi Afrikana Amilkar Kabral otcha i tene 17 anu di idadi, dipus e bin pul pa i sedu kumite di tabanka di An'umbá.

Kavaleiru tene kuartu mindjeris, ku onzi fidjus, el i pabidur. I ta kortaba tcheben, ma gosi i ka ta korta pabia i bedju dja. Si pape ki sinal tarbadju, i ta dalba un buli ku korda pa bai buska iagu. Ora ki bin di fonti, si pape ta mandal buska bianda na tabanka. Otcha si pape muri i kunsá tarbadja pa djuda si kabesa, i fala kuma kin ki ka tarbadja na Kanhabaki i ta muri di fomi.

Kada tabanka ta tene un regulu ki ta orienta tudu sirmonia rilijozu ku di djintis. Chefi sempri ta bin di utru tabanka, si renansa ta setadu pa tudu djintis.



AGRADECIMENTOS

Agradecemos primeiramente a todas as crianças que participaram das oficinas: no Alto José do Pinho em Recife, Pernambuco; nas comunidades de Uixi e Pinheiros no município de Beruri, Amazônia; nos bairros de Pluba II e Quelelé, em Bissau; nas tabancas de An-humba e Inorei na Ilha de Canhabaque e na escola Totokan D. José na Ilha de Bubaque. Desculpamo-nos com todas aquelas que gostariam de ter participado das oficinas, mas que infelizmente não conseguimos acolher.

No Amazonas contamos com a parceria do Governo do Estado, da Secretaria de Ação Social e da Prefeitura de Beruri. Nosso agradecimento especial a toda a equipe do barco PAI – Pronto Atendimento Itinerante, que nos apoiou e acolheu. Nas comunidades ribeirinhas de Pinheiros e Uixi agradecemos o carinho com que fomos recebidos e o apoio dos professores Deus Pacheco Vasconcelos, Arnaldo Monteiro de França e Valdeci da Silva, Raimundo Denílson Pacheco Vasconcelos e Alan de Araújo. Somos também gratos aos líderes comunitários Rui da Silva Barbosa de Uixi e Eterui Ramos Pinheiro de Pinheiros, juntamente com sua filha Fabiana Fonseca Pinheiro, que nos auxiliou nas oficinas.

No Recife foi determinante a parceria com o Governo do Estado de Pernambuco e com as Secretarias dos Direitos Humanos, da Educação e da Saúde. Agradecemos a dedicação da educadora Maria Lucia Andrade; do diretor e vice-diretor da Escola D. Maria Tereza Correia Wagner Araújo e Jairo Gomes do Amorim. Agradecemos também à direção do Hospital-Maternidade Barros Lima, a Telma Costa, aos funcionários do cartório de Casa Amarela, em especial ao escrivão Geraldo Henrique.

Na cidade de Bissau nossos agradecimentos ao embaixador Jorge Kadri e à sua equipe, ao Centro de Estudos Brasileiros na Guiné-Bissau e à sua diretora Sônia Rocha. A parceria com o Ministério da Justiça da Guiné-Bissau foi fundamental para a realização do

projeto, bem como a dedicação do doutor José Alves Te, diretor geral de Registros na época em que realizamos os trabalhos de pesquisa – juntamente com o seu colaborador Isidro Teixeira; doutor Causo Male do Ministério da Educação; professor Benício Mendes, diretor adjunto da escola Guerra Mendes no bairro Pluba II; Aruna Embalo, diretor da escola Aruna Embalo; e à doutora Isabela Levi Ribeiro, da Ação para o Desenvolvimento.

Em Bijagós, foi fundamental o apoio do padre Luigi Scantamburlo da Fundação FASBEPI. Na Ilha de Bubaque contamos com a importante colaboração da diretora e dos professores do complexo escolar Totokan Dom José: senhora Martina Carlos Soares, Pedro Cabral, Zeca Vitor e Lopes Moreno; e do professor Augusto José Animanhampa, delegado de ensino da sub-região de Bubaque.

Na Ilha de Canhabaque agradecemos às lideranças comunitárias: tenente Amorinho, José Correia e Cavaleiro Pereira, chefe da Tabanca de An-humba, e à população das tabancas de An-humba e Inorei que nos acolheu. Nosso agradecimento especial aos professores das escolas Giorgio Scantamburlo de An-humba e São João Batista de Inorei: Aristino Bionga, Daniel Cadene, Hilário Lopes, Roberto Naquele, Nina Sula, Rui Cavaleiro Pereira, Eduardo Muscate, Paulo Antonio Carlos.

Nosso carinho e agradecimento aos amigos e escritores guineenses Abdulai Sila e Carlos Lopes que acompanha e apóia o projeto *Olhares Cruzados* desde o seu início, e a todas as pessoas que nos auxiliaram direta ou indiretamente nos lugares por onde passamos.

Agradecemos a valiosa colaboração dos escritores brasileiros Milton Hatoum e Xico Sá, e de Odete Semedo, Respício Nuno Marcelino da Silva de Bissau. Nosso muito obrigada a João Manoel Mengo Correia, Lassana Casama e Sumba Nansil da Rádio Pindjiguiti; a Rui Neumann, do Bissau Digital, entre outras pessoas que nos deram apoio e que não tenham sido citadas aqui nominalmente.

AGRADECIMENTOS À EQUIPE

A realização do projeto *Olhares Cruzados Pela Identidade* somente foi possível graças a um esforço conjunto entre as equipes da Secretaria Especial de Direitos Humanos e da OSCIP Imagem da Vida, e o apoio de colaboradores e amigos brasileiros e guineenses.

Primeiramente gostaria de agradecer pela oportunidade de realizar este projeto ao doutor Rogério Sottili, secretário executivo da Secretaria Especial de Direitos Humanos, à doutora Larissa Beltramin, secretária adjunta, à doutora Maria do Carmo, diretora de Cooperação Internacional, a à doutora Luana Bottini, coordenadora geral do Programa Nacional de Registro Civil de Nascimento.

Realizar o projeto *Brasil Guiné-Bissau Olhares Cruzados pela identidade* foi para nós um desafio, tanto pelo fato de termos de unir realidades distantes e distintas em torno de um mesmo objetivo, quanto por termos trabalhado com as crianças um tema

complexo como é a identidade, focando na importância do registro civil de nascimento. Entretanto o empenho de todos e em especial de Leilá Leonardos, juntamente com a professora Gícia Falcão, que nos orientaram e deram os subsídios sobre educação em direitos humanos, foi fundamental. Deixo também meu agradecimento a Christiana Freitas, que acompanhou a primeira viagem da equipe a Guiné-Bissau.

A solidariedade, dedicação e companheirismo da equipe da Imagem da Vida foram os fatores que determinaram o sucesso do projeto. Agradeço a colaboração do amigo parceiro de tantas andanças Nilton Pereira, nosso vídeo-documentarista que registrou todas as etapas do projeto no Brasil e na Guiné-Bissau, conjuntamente com o nosso companheiro fotógrafo Sérgio Zacchi, que captou com imensa sensibilidade as belas cenas que presenciamos. Agradeço o carinho e a dedicação das educadoras Aline Magna e Carol Misorelli, que colaboraram conosco em Bissau, e nas Ilhas de Bubaque e Canhabaque.



NOTAS DO TEXTO DE ABDULAI SILA (págs. 59-63):

1 Título de um livro de Amílcar Cabral.

2 Título do poema de Amílcar Cabral que se tornou Hino nacional guineense e igualmente nome do Ballet Nacional da Guiné-Bissau.

3 Expressão oriunda da língua fula (ou pular) que pode ter múltiplas interpretações conforme o contexto em que é usada, e se na afirmativa ou interrogativa. Traduzida à letra significa “quem não tem não se preocupa”. Na afirmativa, pode ser interpretada como uma manifestação de solidariedade activa, convivialidade, entreajuda. É que,

quando não se tem algo, pode-se sempre contar com a tradicional solidariedade africana. Pode também ser uma negação do egoísmo e a assumpção de uma atitude socializante, em que o colectivo conta mais que o individual. Como interrogação, o sentido passa a ser uma acusação de falta de ambição, de preguiça ou até de irresponsabilidade: “não tens e não te preocupas?”.

4 Cf. *Povo adormecido*, poema de Tony Tcheka musicado por Zé Manel.

5 Na minha terra as crianças andam descalças / Na minha terra os arrozais estão todos minados / Tenho 45 anos de vida / Mas sei que um dia verei o meu país feliz (*Bidinte*, in “*Pena di nha tera*”).





O que se faz agora com as crianças é o que elas farão depois com a sociedade.

KARL MANNHEIM, sociólogo húngaro

COORDENAÇÃO



PARCEIROS

Secretaria Especial
dos Direitos Humanos

